







OLHOMAGICO





# OLHOMAGICO

*novela coletiva*



## Caleidoscópio: universo compartilhado

Perigo.

Muito cuidado.

Você está entrando num território perturbador.

Observe com atenção. Mas, por onde passar, tente não ser notado. Se perceberem tua presença, tenho muito medo de um sequestro de consciência.

Nas próximas páginas, você encontrará personagens em estado de profunda intimidade: em primeira pessoa. Você escutará todos os seus pensamentos e conhecerá suas inquietações. Suas certezas e incertezas. Seus desejos.

A família Severo, que em breve você irá conhecer, é uma constelação muito suspeita, em constante dissonância, orbitada por outras figuras não menos suspeitas e dissonantes.

O mais espantoso é que essa galeria de personagens e conflitos surgiu de repente, em plena pandemia de covid-19. E surgiu graças à habilidade de vinte sensibilidades literárias, cada uma coordenando o presente, o passado e o futuro de um personagem específico.

Podemos até dizer que no princípio não havia nada. Então, fez-se a luz da comunhão criativa. Assim surgiu a man-

são dos Severos. Em seguida muitas mentes começaram a conceber os atores e o(s) enredo(s) desse teatro-do-mundo.

Em ordem alfabética, os criadores e as criaturas:

Angélica Royo criou o Fernão Paes Leme.

Antonieta Fernandes criou o Justino Severo.

Danielle Martins Cardoso criou a Sayonara Severo.

Diva Maria Tammaro de Oliveira criou o Joca.

Gilda Pasqua Barros de Almeida criou a neta coquete do  
homem no retrato na parede do casarão dos Severos.

Guilherme Hernandez Filho criou o José Joaquim dos Reis.

Hans Freudenthal criou o Coriolano.

Helen Fadul criou a Estamira.

HelO Bello Barros criou Liva.

Heloísa de Queiroz Telles Arrobas Martins criou a Joseneide  
e o carteiro-espião.

Ignez Matarazzo criou o Carrapicho.

Jane Sampaio criou o poema que abre a novela coletiva, pin-  
tando um breve retrato subjetivo de cada personagem.

Lygia Pistelli criou o Maninho.

Maria Helena Nogueira de Almeida criou o Ayel e Kate Cute.

Maria Julia Kovacs criou a Aurora.

Maria Lucia Rizzo criou a Lala.

Maria Luiza Galli criou a Joy.

MAX o Magnífico criou Madame Lola.

Tania Melo Franco criou o Yuri.

Thais Costa criou a Bernadete e a Berenice.

Por isso, repito, você está entrando num território perturbador: um universo compartilhado, administrado não por um, mas por vinte titereiros.



Podemos chamar de *coletânea de contos*, se preferir. Ou podemos chamar de *novela coletiva*. O fato é que essa galeria de idiossincrasias literárias nasceu das reuniões da oficina de criação literária do Club Athletico Paulistano.

Em dezesseis reuniões semanais, via Zoom, a galera criou e articulou as dezenas de detalhes da(s) narrativa(s) que você está prestes a visitar – melhor dizendo, bisbilhotar.

Então, que este livro tenha nascido em plena pandemia, em reuniões apenas online, e seja fruto de uma grande cooperação (repito: vinte autores!), só isso já dá a dimensão incomum e original da novela cheia de meandros e situações insólitas que você está prestes a começar a ler.

Mas eu repito: muito cuidado... Se bobear, você será pego por uma das inúmeras armadilhas dessa narrativa. Terá a consciência sequestrada. Será mais um personagem nessa estranha galeria.



## Sumário

|                    |    |
|--------------------|----|
| Caleidoscópio >    | 7  |
| Contagioso >       | 17 |
| Justino Severo >   | 21 |
| Estamira >         | 24 |
| Coriolano >        | 26 |
| Maninho >          | 28 |
| Sayonara Severo >  | 29 |
| Aurora >           | 31 |
| Joca >             | 33 |
| Bernadete >        | 34 |
| Carrapicho >       | 35 |
| Ayel e Kate Cute > | 36 |
| Joy >              | 38 |
| Yuri >             | 40 |
| Madame Lola >      | 42 |
| Sayonara Severo >  | 45 |
| Fernão Paes Leme > | 48 |
| Carteiro >         | 51 |
| Coriolano >        | 53 |
| Madame Lola >      | 55 |
| Carrapicho >       | 57 |

Justino Severo > 58  
Estamira > 61  
Lala > 63  
Joca > 65  
Ayel e Kate Cute > 66  
Madame Lola > 67  
Sayonara Severo > 69  
Bernadete e Berenice > 71  
Fernão Paes Leme > 75  
Aurora > 78  
Joseneide > 82  
Neta do homem no retrato na parede do casarão > 83  
Joca > 85  
Ayel e Kate Cute > 88  
Justino Severo > 89  
Joseneide > 94  
Bernadete e Berenice > 96  
Joy > 97  
Carrapicho > 99  
Joca > 80  
Ayel e Kate Cute > 103  
Yuri > 105  
Carrapicho > 106  
Lala > 107  
Estamira > 109  
Justino Severo > 111  
Coriolano > 116  
Liva > 119  
Bernadete > 121

|                             |     |
|-----------------------------|-----|
| Carrapicho >                | 123 |
| Joseneide >                 | 124 |
| Estamira >                  | 127 |
| Liva >                      | 129 |
| Fernão Paes Leme >          | 133 |
| Sayonara Severo >           | 135 |
| Justino Severo >            | 137 |
| Madame Lola >               | 138 |
| José Joaquim dos Reis >     | 140 |
| Carrapicho >                | 143 |
| Minibiografia dos autores > | 145 |



•

O mundo todo é um palco  
E todos, homens e mulheres, apenas atores;  
Eles entram e saem de cena  
E cada qual a seu tempo representa  
diversos papéis.

{ William Shakespeare }





## Contagioso

Imagino que tenham vindo para contar tudo no *Livro das Verdades*:

### JUSTINO SEVERO

Debruça no secreto limite das paixões, é o tempo da correção  
Da felicidade que fatiada revela tudo na terra do camaleão  
    que o vento leva  
Do cerne do homem e do ventre da mulher os ímpios são  
    como a palha

### MADAME LOLA

Vida latente, no cabide do sonho viaja um enigma ameaçador  
O espaço e o tempo escorrem e se misturam por labirintos  
    traíçoeiros  
Debocham mudam voam e rastejam

### SAYONARA

Percebe a si mesma na vingança e na amargura  
Nem alegria nem redenção nem esperança  
Acorda no escuro e ferve o dia e a noite

### CORIOLANO

Os sons do destino alcançam o outrora vivido  
No espírito alerta que tudo soma  
Nobreza poder amor e sabedoria falando dos afetos

### **MANINHO**

Letras miúdas desenham  
Marcam o trajeto e a febre desmarca  
O segredo escorre no sagrado

### **FERNÃO PAES LEME**

Enruga a cortina carregando o prazer, cavalgando Níquel  
Momento aflora, lúbrico, obsessivo  
A noite escapa deixa o ontem e abraça o amanhã

### **O CARTEIRO**

Sórdido, nefasto no contrário do contrário, o golpe  
Guardião sigiloso, tudo à mostra na zona do inferno  
Paciência, paciência é a minha melhor marca

### **ESTAMIRA**

O tempo tecido no murmúrio da mensagem  
Como se fosse o restante de uma vida desvelada  
Começa a retaliação falange por falange

### **BERNADETE**

A palavra costura os pedaços  
Derrete formas e macera frases soltas  
Busca refazer, mas surge o primeiro silêncio

### **JOCA**

Rosto curioso sereno canta a luz da juventude  
Não sabe o que pulsa no sangue que carrega  
Tempo tecido na instabilidade da vida

### **LALA**

Estruturas sagradas daquilo que somos  
Aguardam o reverso e o verso  
Anunciam as raízes da flutuante identidade

### JOSENEIDE

Se perde na compaixão e no prazer e na vaidade  
A gente só sabe a sede da alma que está na memória  
A boca guarda a lembrança da carne

### AURORA

Passa o passo sem saber pra onde vai, num universo cons-  
pirando  
Torce e retorce, o verde que verdeja cada vez menos verde  
Sonha a lua e o sol, mas a terra entende a cova que resta

### AYEL

A gente só sabe o que pensa que sabe  
Confronta regularmente  
A trama tramada caminha na trilha que dura um instante e  
nada diz

### YURI

Endireitava tudo só para esconder uma certeza cruel  
Cheio de si, imagem que talvez procurasse  
Talvez conseguisse, talvez achasse

### COQUETE

Particularidades engenhosas sem lacunas (*ele gosta que o  
reverencie*)  
Impiedosa e ilusória, o tempo endireitava  
Descobria-se sempre num novo dia

### CARRAPICHO

Simultaneamente enroscado, tomava conta  
Nas mais diversas maneiras só memórias interrompidas  
Lado a lado predadores presas interesseiros amantes entre  
outros

### LIVA

Desconcertada se aproximava dobrada ao meio  
Corpo invertido na íntima angústia se rende ao ódio  
à soberba à ganância  
Fascinada, se vê constrangida por tanto desdobramento

### JOY

Acolheu, amou e vigiou na busca de entender  
Amedrontada por saber demais (*percorro florestas, minha  
natureza me faz gostar mais da noite que do dia*)  
Muitos a constrangem em dias recheados de artimanhas

### JOSÉ JOAQUIM DOS REIS

Inadequado às vezes em prosaicas circunstâncias  
Surpreendia sempre, mas escapava por descuido  
E capturava tudo novamente

• **Deste mal você não morre,  
deste mal não morro também**

Para os que glamorizam minha aposentadoria como topiário resignado ao cultivo de bromélias exóticas e catalogador de vinhos raros, não imaginam que meu alcance vai além do circuito pelos canteiros ornamentais do jardim e da passagem subterrânea até a adega climatizada a 11°C. O que de fato captura minha abstração é o prazer de lustrar uma notável coleção de armas sob o efeito do mantra: “Abraham Lincoln tornou todos os homens livres, mas Samuel Colt os tornou iguais”. A carreira no Ministério Público deu-me notoriedade, o encerramento dela na Corregedoria Geral trouxe-me desafetos. Acusam-me de culto excessivo à aparência dos tradicionais valores da moral cristã, visando camuflar uma personalidade iracunda e sarcástica a serviço da intolerância homofóbica e racista. O meu traquejo sedutor com mulheres atribuem como assédio ou aliciamento misógino. Verborragia de detratores como aquele jornalista que nunca conseguiu provar nada contra mim. O preço que se paga por ser figura pública muito se deve a eventos como o de hoje, patrocinado pelo destempero de minha mãe, que tem o condão de gerar imprevistos bizarros e atrair holofotes sobre fatos inusitados. Lola! Lola!

Ninguém se aproxima de um centenário impunemente. A demência que o salva é a mesma que o consome. A cada estripulia que apronta, a ladainha se repete. Daqui a pouco vão

apontar o dedo em riste para mim. O ônus de ser primogênito. Achrom que devo prestar contas de todas suas sandices. Não me acostumo com elas. Pode ser pitoresco na mãe dos outros, na nossa causa vexame. Cansei destes desatinos que só aumentam com o tempo. Organizei tudo para ser celebração de família, o casarão cheio, algazarra de criança, aquele parente que só aparece em boca-livre, fartura na mesa e na safra. Na cadeira à esquerda meu irmão Coriolano, ela na cabeceira, eu à sua direita. Banda de jazz com repertório suin-gado. Não programei esta celebração só pelo aniversário dela, antes, para um acerto de contas regado a vinho tinto.

Os funcionários a postos, os convidados chegando e ela, escafedeu-se. *Procurem no sótão, na casa das máquinas, no puxadinho do caseiro, na horta e no pomar. No fundo da piscina não precisa procurar.* Matriarca que se preze não faz para tanto. Andou ouvindo o burburinho que estou escrevendo uma biografia; confissões para um tempo de correição que se aproxima. Alguém receoso de escândalos até sugeriu que eu pudesse ser interditado, legalmente, pelo alcance das re-velações. Ainda não nasceu homem ou mulher capaz de me interditar. Madame Lola, como prefere ser chamada, sentiu o presságio que eu pudesse expor sigilos bem velados e simulou uma saída clandestina. Fugiu, mas sua estratégia não vai longe. Há contas a pagar por se viver em demasia. Entre pratos com brasões e toalhas com monogramas, esta família dissimulada não perde por esperar; quando o desembainhar da espada cortar o nó górdio do lado oculto, tão bem tran-cafiado. Tem temporada de guardar segredos, tem fase de expiação.

Há um ipê-roxo atravessado no jardim da nossa história. Frondoso, galhudo, raiz rasgando a terra. Andei pesquisando. Ossada de gente grande não vira adubo. Nas noites mornas de verão dá para se ouvir os ais que vêm daquele porão. Ge-

midos como estes, nem mal de velhice, nem surdez avançada  
dão conta de abafar. Arrependimento, porém, é coisa para os  
fracos. Lola me impregnou com este ensinamento: *Deste mal  
você não morre, deste mal não morro também.*

## A fauna familiar

Abro o quartinho todos os dias às 5h45, quando os gatos já entraram pela janela encostada; sempre com os rabos levantados, uma espécie de periscópio a serviço da captação dos sinais e sintomas de alguma perturbação. Brincam, caçando situações invisíveis, às vezes tão ágeis quanto quietos, às vezes à beira de angustiada histeria, até que finalizam a limpeza energética e sirvo sua primeira refeição.

O dia promete; sem me comprometer, sei o que tem que ser feito. Não descansarei até que a última taça seja devolvida ao silêncio da cristaleira, os convidados tenham retornado para onde vieram e Madame Lola esteja perfumada e penteada, em sua camisolinha carmim, enfiada sob os lençóis com o livro da vez nas mãos, cujas peles lembram papel de seda.

O meu cubículo é o melhor aposento da casa, a uma distância suficiente para que eu me encharque em dia de chuva, com a porta e a janela voltadas para o leste, a poucos passos do grande ipê-roxo que tem a seus pés lavandas, glicínias e hortênsias, como se a temperatura aqui do fundo fosse mais amena. Depois de lavar do corpo os restos da noite intensamente sonhada, visto o uniforme azul-marinho, cubro os cabelos com a touca e abro sobre a cama o tarô do dia. A carta para hoje é a Hierofante, conheço bem esse augúrio e a levo no bolso comigo. Calço os sapatos sabendo que aqui nunca houve uma manhã em que eu não gostasse da vida como



ela é. Dezenove anos de observação clínica desses ambientes que resistem a um esgotamento, sempre gerando mais e mais pontos de interesse, um terreno que se recusa ao cultivo de dúvidas, precisamente como eu.

Encontro a porta da cozinha entreaberta e, no canto da pia, o cinzeiro com o meu cigarro de ontem à noite pela metade, um convite para as últimas tragadas. Basta despejar a água quase fervente sobre o pó do café para que a minha velha faça os primeiros barulhos, a bengala no piso rangente, a descarga, a cuspada, a porta do quarto, os chinelinhos se aproximando. Mas hoje a garrafa está preenchida, e nada. As duas fatias gordas, que se parecem muito com presunto fresco, já estão postas à mesa. Hoje ela terá duas, uma surpresa pelo aniversário. Enquanto ela não chega para reclamar de tudo, começo a descer do armário a prataria já preparada, estendendo a toalha mais antiga de família na mesa grande e alinhando pratos, flores e listas mentais.

Em poucas horas haverá crianças correndo por aqui, riscando ou marcando de pés sujos o assoalho. Cortinas e janelas abertas na sala. Haverá música, bebida e falatório. Toalhas e papel sobressalentes nos banheiros. Olhos grudados nos celulares, sentados no sofá. Aparadores preparados para os comes e bebes. Cochichos e risinhos tentando passar despercebidos pelos cantos. Aquela gente toda pronta, tanto para uma festa quanto para um funeral. Haverá logo quem derrame vinho no sofá claríssimo sem impermeabilização e quem deposite foie gras a dedadas embaixo da mesinha próxima ao piano. Amanhã o piano estará desafinado porque nenhuma lúcida alma será capaz de impedir que uns e outros lancem suas patas sobre o digníssimo. Patas que também devassarão gavetas de guardados e caixas de bombons.

Estamira?

Alguém me chama.

CORIOLOANO

## Concerto

– Vamos embora, Coriolano. Ficou tarde.

Madame Lola não quis sequer acompanhar os aplausos da plateia. Brandindo histericamente sua bengala-espada, saiu correndo comigo ao estacionamento. Sentamos no carro e já fui dirigindo seu Jaguar para a rua.

– Vá reto, é o caminho mais rápido.

– Mas é a Cracolândia, mãe.

– Ah, esta turma só quer drogas e comida, fica sentada o dia inteiro.

– É perigoso.

– São poucos quarteirões, toque em frente.

Uma vez por mês minha mãe e eu vamos ao famoso domingo matinal da Sala São Paulo. É meu único jeito de aguentá-la por algumas horas e ficou uma tradição entre nos dois.

Naquela manhã, ouvimos uma belíssima interpretação da famosa Nona Sinfonia de Beethoven. Aproveitei para exibir minha erudição, o que sempre irrita Madame Lola. Duvidou que esta música foi composta há mais de duzentos anos, e não acreditou que Beethoven estava completamente surdo quando a criou. “Isso não existe.” A *Ode da Alegria*, com versos de Schiller, é o desfecho radiante desta partitura. Expliquei que começa com as palavras “Oh, Freunde”, sendo que o vocábulo

“Freunde”, com a letra N, significa “amigos” e não “Freude”, que é “alegria”. Resposta da minha mãe: e daí?

Madame Lola ficara nervosa com a duração do concerto, uma hora inteira, e estava ansiosa para voltar para casa. Me fez dirigir o Jaguar pelo caminho mais curto, a rua do Triunfo. Após atravessarmos a rua dos Gusmões, antes de chegarmos à rua Vitória, tive que parar. Formou-se um engarrafamento e não consegui avançar mais nenhum milímetro.

Foi quando avistei, vindo ao nosso encontro, uma horda de esfarrapados sem-teto...

MANINHO

## Perfume de Lola .

Escutei uma voz distante:

– Maninho, venha desfrutar da visão da constelação da Ursa Maior. Ela está radiante.

Sonho? Levantei durante uma terrível insônia.

Preferi ir para o jardim ficar apreciando o céu com seu estrelejo.

Estava excitado com os preparativos para o aniversário da Lola.

Era já madrugada alta quando senti – sim, tenho boa percepção para todos os sentidos, excluindo a visão – um perfume no ar.

Reconheci. Era o perfume da Lola.

Passou por mim sem me ver e seguiu seu caminho, com passos abafados, até o portão. Nessa hora ouvi o barulho da porta de um carro se abrindo e depois se fechando bem de mansinho, e o carro saiu em marcha lenta.

Estranhei sentir um suave cheiro da fumaça de charuto, dos antigos, bem perfumoso, saindo pelas janelas abertas do carro.

A Lola não fumava e muito menos dirigia!

Estranhei.

## • Vida de borboleta (verde-ardor)

Jamais gostei das iniciais do meu nome, SPL – sigla tarja preta – e antes de me tornar Sayonara Paes Severo, havia escolhido Say Arden, mas J.S. (ele adora ser chamado assim, pelas iniciais) e tantos outros seguiram me despindo e há muito deixei de procurar lagartas.

Sigo em passos lentos para o quarto e abro a porta do armário, mas não consigo acertar na fantasia. Cabides cristal oprimidos pelos metros curtos do bastão cromado, os vestidos, os mil vestidos renda-brocado-seda acochados entre paredes e portas sucupira, eles gritam, aflitos: Estamira, Mira, mira, se você pudesse me ajudar nas escolhas, não somente nessas, mas em todas.

Dentro do armário, ao pé do vestido tule azul-medroso que J.S. venera, Carrapicho me inspeciona com olhos-verdade. Há algum tempo ele cismou em se esconder ali, e de início acreditei que se divertia lambendo naftalinas e caçando traças, mas Carrapicho é muito gato para coisas tolas. Já tentei conquistá-lo com iguarias (uma carpa filhote que retirei do lago ornamento do casarão com a peneira de arroz) e durante o processo de captura, ele manteve-se deitado no tapete da varanda, fingindo prestar atenção. Então, estiquei o braço com a oferenda, o peixe se mexendo na ponta dos dedos, e o gato me olhou desgostoso. Se fosse um cachorro, teria ao menos se levantado para cheirar, mas Carrapicho virou o rosto e

fechou os olhos, em manifesta reprovação. A pequena carpa se soltou e caiu no chão da varanda, abrindo as guelras. Ele, enfim, colocou algum interesse naquilo e por um momento julguei no gato alguma briga interna, o instinto felino ressurgindo em um pequeno eriçar de pelos; as garras, elas se abriram um pouco quando ele se levantou e ficamos ali, eu e gato, por motivos diversos, assistindo o peixe agonizar.

Agora, o mesmo olhar cúmplice-desprezo, e tenho vontade de gritar, sai daí que o armário é meu, ele certamente daria um risinho torto, o que é efetivamente seu nessa casa?

Estamira. E se Lola persistir no sumiço, precisarei mantê-la longe de Fernão.

Sim, foi um chá amargo que Estamira ferveu. Não sei para quem era a bebida, mas caiu nos meus lábios, sem querer, e depois disso Mira se enterrou em mim.

## • Monólogo com cara de diálogo

Será um dia memorável. Eu não fui convidada, é claro, Madame Lola não suportaria. Tenho certeza que ela sabe, Justino, apumado, morre de medo da mãe. Ela é bruxa e leva o filho no cabresto. Não adianta posar de recatado, é um garanhão de meia-tigela. Já faz tempo que não nos encontramos, o tempo passa e agora quero ver como fica minha situação

Lola, Lola você nem imagina que eu andei frequentando sua casa e fiz o Justino gemer de prazer. Mas, começou a não comparecer, me deixando na mão. Ele vive dizendo que está preocupado com a situação econômica de vocês, com os tantos problemas para manter a família unida e blá, blá... As nossas noites fogosas viraram pó, agora é só conversa e preliminares e depois um chuchu mole. Não sei quanto tempo vou aguentar essa treta. Ser a filial é puxado, sempre me escondendo. Agora quero as luzes, quero a herança, quero fazer parte da família.

Soube que vai ter um festão, seu aniversário. Encostei Justino na parede, falei para ele que eu vou. Discreta, de roupa fina, cabelos arrumados, ele vai pagar tudo. Desta vez, e por enquanto, vou como amiga especial, mas você sabe o que e quem eu sou na vida dele. Ou não sabe?

Justino, se você não me convidar, conto tudo, as brochadas e agora essa história que sou carta fora do baralho. Muitas vezes, me senti especial, mulher de verdade. Tínhamos

noites de prazer, com excitação e achava que ia subir de categoria, mas eis que aparece Sayonara e eu perdi esse lugar. Não vou aguentar essa perda. Vou comprar o vestido da festa e depois vou ao cabelereiro. Vá pensando como você vai me apresentar.

Vai ter aniversário mesmo? Acabei de saber que Lola sumiu. Será que ela soube de tudo, o filhinho querido brocha com a amante, não tem mãe que aguenta. Ou será que ela fugiu com o amante dela? Nada de aniversário e velinhas, afinal o dia é dela, está no Caribe, tomando um solzinho de biquini, que, convenhamos, não é o que a deixa mais atraente.



## Festa da bisa

Aniversário da Bisa, muito chato.

Não queria vir, e agora, tipo, acho que vai dar muito ruim.

Cadê ela? Sumiu, nunca vi isso, a festa tá micada.

Tô aqui sozinho, todo mundo nervoso, não tão dando bola pra mim. O Ti escapou, ficou estudando pra prova. Só que não, óbvio, ficou jogando na internet.

Até que seria bom um pouco de sossego, mas nesta casa morro de medo, muito bizarro. A Bisa é esquisita, aqui é cheio de bicho, gato, levo sempre susto com a coruja.

Desde pequeno ela me chama de Quinzinho, odeio. Ela também não gosta que eu chamo ela de Bisa. Empatou.

Tá todo mundo procurando, tipo, ninguém sabe onde ela se meteu, muito aleatório.

Pra mim ela fugiu com o tal do Kim, andou falando dele e me chamando também de Kim... se ela não vê ele há tanto tempo, por que de repente lembrou dele?

Mano, muito suspeito.

BERNADETE

## Não sei de nada .

Alô, tudo bem e você? (...) Sim, madame Lola me convidou, sim, para o almoço de aniversário, eu sei, é hoje, mas já a avisei que não poderia estar presente, estou estudando para um exame. Aconteceu alguma coisa? (...) Não me diga, ela não está em casa e ninguém sabe onde foi parar? Que estranho! Ela é tão festeira, até escolheu uma cor de esmalte diferente ontem para, segundo ela, abafar na própria festa! Onde será que ela foi? (...) Eu? Como iria saber uma coisa dessas? (...) Não, você está enganado, ela não mencionou nenhuma contrariedade ou intenção de sumir durante nossa conversa, ontem. De jeito nenhum, não estou a par não. (...) Pena mesmo, gostaria de poder ajudar. (...) O almoço está quase pronto? Os camarões vieram de Santa Catarina para as entradas? Que situação, hem? Bem, deixe eu me concentrar, se lembrar de alguma coisa que possa justificar o sumiço dela, entro em contato. (...) Pode deixar, ligo no ato. Abraço e boa sorte! “Que doida! Será que Madame Lola teve mesmo coragem de viajar pra Europa?”

## Surpresa

Sorrateiramente subi na mesa preparada com salgadinhos, doces e bolo, deliciosos, aguardando os convidados.

Aproveitei e fiz antes a festa, na festa.

Agora satisfeito, lambi devagarzinho as patas, alisei os longos bigodes várias vezes.

Miei feliz...

## Felinos com poderes •

Margarida Sachs, vizinha de Madame Lola, ganhou dinheiro com lojinhas de brechó e ambiciona comprar parte do terreno de Madame Lola para ampliar seus negócios.

Dona do gato Herculanus, quando soube que este havia sido criado por um feiticeiro que lhe deu o nome de Ayel, resolveu chamá-lo de agora em diante só de Ayel.

Ayel, um gato persa, meio felino meio humano, capta o que vai pela mente das pessoas e as conhece pelo cheiro e pela forma.

Sua parceira, a gatinha angorá Kate Cute, possui olhos com poder maior que os de um lince.

Margarida Sachs diz aos seus empregados que está apreensiva, pois sua vizinha Lola havia sumido bem no dia do aniversário.

Ayel capta a apreensão de sua dona e traça em sua mente a forma de Madame Lola e seu cheiro e corre pelos terrenos da vizinha. A gata Kate Cute sai atrás dele.

Os dois gatos percorrem os imensos terrenos, Kate Cute inspeciona cada lugar, de repente para defronte à enorme paineira toda coberta de flores cor de rosa. Ayel a segue, Kate começa a miar desesperadamente.

Ayel pressente que ali existe algo a ser achado, corre em volta da árvore sentindo um cheiro conhecido.

Os dois gatos arranham o tronco da árvore até encontrar uma abertura. É uma porta bem dissimulada.

Eles arranham e arranham o tronco e encontram a entrada, penetram numa espécie de túnel que vai dar num salão iluminado e ali veem a bruxinha Imelda voando em torno de uma pessoa coberta por uma capa.

Ayel sente um cheiro conhecido e capta a forma de quem a veste, arranha a capa e ela vai deslizando até aparecer uma mulher desnuda.

Imelda está cercada de potinhos de poções das mais diversas fórmulas, com os sete dedos de cada mão vai esfregando os cremes no rosto e no corpo da cliente e a pele vai rejuvenescendo.

Segredo descoberto, Madame Lola havia sumido para se submeter a uma série de massagens rejuvenescedoras, queria aparecer deslumbrante em sua festa de aniversário.

JOY

## Pompa e circunstância

Sou Joy, a coruja falante, e vivo nos jardins do centenário Casarão dos Justinos. Perspicaz, observo o comportamento de todos. As crianças da casa me adoram e me têm como mascote. Os empregados conversam comigo por me acharem uma ave rara, instigante e inteligente. Tenho um amigo confiável, meu fiel escudeiro, que sempre trabalha trocando lorotas comigo e me contando o que acontece na mansão. É o astuto jardineiro Arturo.

Há um mês o Casarão se prepara para uma grande festa – o aniversário da matriarca Madame Lola. É uma senhora de porte altivo, apesar da idade, mas ao mesmo tempo esquisita nos hábitos e nas atitudes.

O meticuloso trabalho no interior da casa, para deixá-la em ordem para o grande dia, é executado com bastante esmero. Tudo brilha, desde os móveis antigos até os cristais, as pratarias de lei e os lustres de alabastro. Os pisos se tornam verdadeiros espelhos.

Na parte externa, mudas novas são plantadas e a iluminação, instalada em pontos estratégicos, valoriza folhagens e arbustos. O jardim parece outro nas mãos do prestimoso Arturo, que se empenha cada vez mais para que a festa do ano seja inesquecível, tal como foi a de *O Grande Gatsby*, um acinte à pobreza da humanidade. Dentro deste mundo distópico, sonho utopias.

O mestre de cerimônias contratado se preocupa com os mínimos detalhes: arranjos de flores, toalhas e guardanapos de linho, coreto para os músicos, pista de dança guarnecida com refletores, como também um prestigiado buffet que servirá os acepipes, sem se esquecer do bar à beira da piscina. Um toldo enorme protege o jardim iluminado à espera de mesas e cadeiras que ficarão prontas para recepcionarem os convivas. Nem mesmo o gerador foi esquecido na emergência de falta de eletricidade. Nada pode falhar.

“E Madame Lola, que odeia recepções, como se sentirá com toda esta preparação?”, indago-me, ensimesmada.

Na madrugada deste aguardado domingo festivo, a vejo saindo sorrateiramente, esgueirando-se entre as mesas até chegar ao majestoso portão, que se fecha atrás dela. Onde terá ido? E a festa? Não ficará em casa para receber os convidados?

Quando Arturo chega ofegante, comunica:

– Passando de ônibus, avistei Madame Lola numa feira de bruxas, saboreando um enorme pastel de placenta e sorvendo suco de besouros, um de seus prediletos.

Todos se espantam, entreolhando-se: será que chegará a tempo para a tão esperada comemoração?

YURI

## O ipê-roxo do jardim .

Nossa, fui trancado a sete chaves.

Minha diva Soraya, neta da bruxa de três pernas-de-pau, não seria capaz de fazer diferente.

Ela tem medo que a bruxa Lola meta suas pernas em cima de mim e me mate.

Ela é bem capaz!

Sinto um cheiro no ar delicioso e não vejo a hora de dar uma vista d'olhos na cozinha, ou em cima da mesa de jantar.

Assim que a casa estiver cheia, eu escapo e por entre as pernas dos convidados vou fazer a festa!

ME AGUARDEM.

Conseguí me soltar, e fui dar uma volta pelo jardim.

Soraya se distraiu e lá fui eu, fazer reconhecimento de área.

Tem uma grande área em frente à casa que parece demolida.

Um paraíso para minhas pesquisas; poderei escavar muito, e já comecei pelo jardim, embaixo do ipê-roxo.

Encontrei uns ossinhos, e como troféu que eram, fui entregar e ofertar para minha dona.

Não é que a velha me viu e saiu correndo tentando me bater com suas pernas de pau?!

Quanta inveja do meu amor por Soraya!

Mas meus troféus são dela!



Quando Soraya viu o perigo, como sempre, me abraçou,  
me colocou no colo e não deixou a Lola me bater,

E por segurança me trancou de novo.

Mas já descobri o tesouro que tem embaixo do ipê-roxo  
do jardim...

## Mais um aniversário .

Ao primeiro sinal do arrebol, o magnífico galo esculpido no centro do jardim não canta, e esse silêncio aterrador me acorda. Todas as manhãs.

Alcanço, sob o travesseiro, a bengala herdada do decapitado Marquês, meu primeiro marido, e a bato contra a parede para despertar Chérie.

Sempre achei que essa coisa das pessoas encolherem com a idade era uma lenda, sou prova viva de sua verdade. Se, aos vinte anos media quase um metro e setenta, hoje mintro que tenho um e cinquenta e três. Minhas pernas não alcançam o chão e não vou arriscar a fragilidade dos meus joelhos em saltos acrobáticos.

Chérie se posta de quatro, para que eu possa pisar em suas costas e descer ao chão. Sempre fico invejosa com a opulência e firmeza de seus glúteos, coisa de negra, mas não de qualquer negra, de negra haitiana, cuja pele píceia rouba o calor do sol e reflete a luz da lua, em especial, quando dança.

As Gabrielas do Brasil vestem um preto opaco, como sempre cobertas de poeira, ou lama. Eu tinha onze anos, ela nove, quando salvei sua virgindade num leilão no porto de Marseille. Até hoje a conserva, o que permite que incorpore as poderosas bruxas queimadas na África.

– Tenho pressa, Chérie. Vista-me devagar.

– Oui, Madame.

Passamos, com vagar, o unguento mágico em nossos rostos, pescoços, mãos e cotovelos. O resto da pele está sempre coberta.

Hoje é meu aniversário, gosto de provar que aos 249 anos ainda me serve a roupa que usava aos vinte. Tudo menos os sapatos, substituí-os por calçados de camurça, mas mantive as fivelas de ouro originais. A arte de amarrar o espartilho é mais força do que jeito, mas a cintura das mulheres honestas agradecem; o grandioso vestido em veludo aquece nessa terra de Hades, mas tudo pela elegância; a marca de beleza pintada na lateral do rosto e a pesada peruca branca sobre os ralos cabelos. Apenas dentro da minha própria casa me permito vestir como quero, já entreouvi a palavra maluca mais de duas vezes, só por estar vestida de forma correta em época errada.

Antes do sol ficar agressivo, vamos passear no meu jardim, mon petit Versailles. São cinco quilômetros de comprimento e outro tanto de largura. Os vários jardineiros já estão trabalhando, são escolhidos por Chérie, que apesar da idade, ainda gosta de olhar os jovens sem camisa. De repente, ela solta um grito. Localizo a topiaria de uma serpente em posição de bote, retiro o sabre de dentro da bengala do Marquês e corto a cobra ao meio.

– Pas de serpent chez moi – grito até a rouquidão.

– Negro bastardo. Mantemos essas barulhentas galinhas d'Angola para afastarem as cobras e você me traz uma do nada? Ordem de quem? É sinal de má sorte ter serpentes em casa. Saia daqui, vite, antes que corte suas bolas e o transforme num sapo, desgraçado. – Chérie balançava ameaçadoramente seu cajado de bruxa na direção do fujão. - Olhando o quê, infeliz? Trate de queimar essas folhas caídas. Leve-as ao cimentado, encharque com querosene e faça-as arder até o vento espalhar as cinzas.

– Sim, senhora.

– Malasuerte. Malchance – resmungo, quase aos prantos

– Calma, Madame, pas de malchance. Tenho uma notícia que vai vos agradar, embora gostava de guardar para mais tarde. Um amigo de uma amiga de uma amiga comentou que a casa do sol nascente pode ter voltado a funcionar para clientes especiais, no bairro chinês.

– E o que estamos esperando, ma Chérie? Allons vite, to chase the dragon!

– Não é melhor a Marquesa se trocar?

A bruxa sempre tem razão. Removo o espartilho, coloco um confortável quimono de seda pura, comprado em Xangai antes da guerra, e calço tamancos do início deste século. Muito pó de arroz em nossas caras, para fazer inveja aos palhaços de circo, e uma peruca negra ornada com enfeites de marfim em forma de cabeça de dragão. Para maior liberdade, fralda geriátrica, afinal a caçada pode durar horas, dias até, se o anfitrião for generoso. Aumento o peso da bolsa com ouro em pó, pois em tais lugares, não se fia. Subimos na carroça sem cavalos e chegamos antes do sol a pino.

Numa cabine privativa, me acomodo sobre almofadas de cetim, Chérie se deita sob meus pés, para minhas pernas não incharem. Recebo um elegante cachimbo de prata carregado com ópio da melhor pureza. Só saio de lá quando saio de lá, nenhum minuto antes. Assim passei o dia do meu aniversário, o melhor desde que deixei Paris.

## • Vida de Borboleta (verde-absinto)

Olho Rapunzel agonizante na prateleira, brotos novos surgindo nos cantos do vaso, folhas amarelecidas nos caules pendentes, ela finge repousar no último andar da estante de imbuia da sala de carteadado do casarão, os ramos-cacho roçando o chão amadeirado, ela, lá em cima, naquele belo e solitário altar.

Sei que estou atrasada e preciso me paramentar para o brinde. Penso em separar vestido poá, sapatos angústia e cabelos barbie, mas abuso do relógio cutucando Rapunzel. Escolhi para ela o único canto ensolarado da grande sala-mofo, um dia já me esqueceram sob raios ultravenenosos que me coloriram de rosa-dor. Surgiram escaras, hoje pontinhos ocre na pele desbotada. Rapunzel me pede água enquanto a espeto; com minha unha-bruxa, gosto de flagelar, de leve, gomos e folhas verdes. Já usei alfinetes de broches, grampos sem ponta, sempre fecho os olhos ao ouvir o barulhinho perfurante. E enquanto me divirto, as folhas se retraem, os ramos se misturam aos meus cabelos, se enroscam no meu pescoço e já tentaram me enforcar um dia. Então, peço desculpas e na ponta dos pés alcanço a terra ressequida do vaso, há dias clamando uma chavinha de regador, mas Rapunzel precisa aprender a arte da resistência. É preciso testar, minha querida, até quanto aguentamos? E é bonito deixá-la murchar, murchar, para no momento de quase-morte vê-la ressuscitar após o banho,

ali, ao vivo, as folhas-zumbi se levantando, a água devolvendo o esplendor de antes. E sei que um dia, quando todos se forem, quando esta casa, enfim, morrer, Rapunzel será forte o suficiente para a sobrevida, ainda que presa no altar ensolarado da estante-castelo.

Talvez eu tenha crescido para baixo, e muito rápido, como minha adorada planta pendente, que precisa ir ao fundo do poço, os caules pesados demais, quem sabe despertar sob um sol negro-cólera e voltar a ser uma lagarta cabeluda, gorda e com vida longa. Talvez Madame Lola seja a pioneira em descobrir o caminho, o caminho do feminino que é sumir, evaporar ou ao menos se tornar invisível no dia que elegem você como vedete-cadente, refém de velinhas lambuzadas com glacê. Mas ela, justamente ela, conseguiu a façanha, a promiscuidade da ausência por um dia, algumas horas, que sejam segundos. Neles alguns morrem, outros são mortos, e me brota uma inveja-quase, eu, que não gosto de Lola e seus achaques, tento digerir sua conquista, sim, sua vitória-ausência, ela conseguindo deixar tudo e todos, até Estamira, a grande e bela conquista de Madame, agora desprotegida, e quisera eu, um dia, colorir Mira de urucum, enquanto ela, que nunca pisca, sempre desvia os olhos do meu batom esmeralda.

O que Justino Severo diria se visse sua esposa-clichê fugir do seu papel para atormentar a planta-pet? Ele, que gosta de se denominar J.S. e de me chamar de Terceira Dama, mas Sayonara Severo não combina com o amarelo pálido da minha pele e isso, essa vida de borboleta-pink, eu não atinei enquanto ainda éramos amantes. Nasci Sayonara Paes Leme e ainda corro descalça nos pastos de vidro da memória, de mãos dadas com Fernão, desde sempre acostumados a dividir placentas e brinquedos. Nascemos no mesmo dia, ele cinco minutos antes e foi considerado o primogênito. Eu nun-

ca quis disputar esse trono, e se os pais demarcavam nosso mundo em carrinhos e bonecas, bolas e laços, calças e vestidos, fugíamos livres para o curral, para o celeiro-entulho ou mesmo para o chiqueiro. O rastelo servia para espetar os porcos e juntar gravetos, folhas, palha, restos de lavagem, até ossos desenterrávamos ali. Fernão montava esculturas marmutes e dentes de sabre, eu escolhia uma varinha e caçava taturanas – eram gordinhas belas, lentas e decididas, naquele encolhe-arrasto poderoso – e sempre havia briga quando Fernão, com o fósforo aceso, chamuscava as pretas peludinhas e uma vez - e aí brigamos feio – ele derramou álcool e ateou fogo na minha preferida, a grande e poderosa marandová-verde de pintas brancas, coberta de pelos-pinheirinho e com três chifres atrás, ela, que distraidamente devorava a folha-doce do abacateiro, virou uma lagarta-fogo, rebolando muito e certamente urrava dor enquanto a chama azul-laranja estalejava. E por alguns instantes permaneci hipnotizada pela beleza daquela coloração e havia um cheiro, uma inhaca de pelo-pele, o Fernão vibrante com a proeza, eu cavando terra e jogando em cima.

FERNÃO PAES LEME

## Uma grande farra

Sou Fernão Paes Leme: estatura mediana, moreno, olhos verdes e, desde que meus pelos começaram a aparecer, tenho a barba e o bigode sempre bem aparados. Meus braços e abdômen têm músculos firmes trabalhados no pilates, no tênis em São Paulo e na equitação quando estou na fazenda. Meu uniforme diário é calça azul-marinho, paletó e camisa social branca, minhas camisas são em sua maioria brancas. Gosto de calça jeans e camiseta para os momentos mais casuais.

Sou muito perseverante e positivo graças ao DNA que carrego dos bandeirantes. Como minha família tinha ligação com o colégio São Bento, estudei lá desde pequeno. Sou formado em Direito pela São Francisco e acrescento que aprendi mais nas viagens que fiz pelo mundo do que na prática do ofício. Foi através da faculdade que conheci Justino, meu cunhado; ao visitarmos uma repartição pública, lá estava ele, que nos brindou com seus conhecimentos, deu todas as dicas do que estudar para o exame da Ordem.

Trago boas amizades nos meus 43 anos de vida, inclusive os filhos dos colonos da fazenda dos meus avós, que hoje me pertence. Cresci conhecendo bem o galopar e o trotar de um cavalo, adorava ir ao estábulo apreciá-los. Nas férias, montava todos os dias.

Sempre nos protegemos, minha irmã e eu. Com a morte de nossos pais, ela pediu que eu fosse morar em sua casa.



Não conseguimos deixar de dividir o cordão umbilical. Ela é muito especial para mim. Hoje vive numa mansão da Avenida Paulista, dizia que se sentia só e que Justino, o marido, adoraria que eu ficasse por perto. Será? Tenho cá minhas dúvidas! Pois é, por obra do acaso, Sayonara se apaixonou e se casou com Justino. A princípio achei sensacional, o homem foi um espetáculo em sua retórica quando éramos estudantes e precisávamos de seu conhecimento.

Ela me confidenciava que algumas vezes sentia medo do marido, pelo tom enérgico com que tratava todos. Acreditava que tinha algum segredo, porém era um simples pressentimento. Comentava que a sogra, Lola, andava recebendo cartas e apostava serem de alguém que sabia de algum segredo da família, trancado a sete chaves. E que não confiava muito nos empregados.

Assim, para não desgostar minha irmã, acabei usando um quarto do casarão quando em São Paulo. Levei comigo poucos pertences. Ela se sentiu segura e protegida. Ultimamente, contudo, a casa de minha irmã tem sido palco de algumas alucinações. Eles todos são muito esquisitos!

A felicidade plena é quando Níquel, meu puro sangue, vai correr. Essas datas são comemoradas com muita champagne Veuve Clicquot. Convido todos da mansão para jantar no Jóquei Club de São Paulo, e apreciar meu lindo equídeo correr. Nem sempre estão dispostos a me acompanhar, porém, quando conseguem ir e Níquel vence, descemos da tribuna social para sermos fotografados juntos a ele. Uma festa!

Então saio para bebericar. Justino e Sayonara vão embora, bem que ela gostaria de ficar até mais tarde, mas o marido ranzinza nunca cede. Assim, meus companheiros da faculda de me fazem companhia.

Esticamos até a manhã seguinte com garotas sensacionais que contratamos para nos acompanhar.

Sim, contratamos para não termos nenhum compromisso depois, é uma grande farra!

## Acima de qualquer suspeita

Não, não tenho laços de sangue com esta família. Porém sei mais sobre cada pessoa – criança, jovem ou velho – do que qualquer um deles. Sou um pacato carteiro, acima de qualquer suspeita. Ainda não atingi a meia idade, mas as entradas pronunciadas e as pálpebras caídas me fazem parecer mais velho.

Longe vai a época em que eu era outro. Ah! Eu era muito bom, sem falsa modéstia. Fui batizado Clayton das Dores, mas o filme com Warren Beatty e Faye Dunaway foi responsável pelo acréscimo do nome do herói e me tornei Clayton Clyde. Meu pai faleceu quando eu era menino e talvez tenha sido melhor assim. Cresci sob o pulso firme de minha mãe, que sempre cuidou para que eu estudasse. Eu a obedecia sem pestanejar. Ela estava certa, ganhei um diferencial que me manteve seguro. Nunca fui preso e o último roubo deixou a polícia sem resultado. É preciso astúcia, estratégia e calma. Aqui estou, gozando uma vida livre e despreocupada, assim como meus comparsas. É verdade que alguns parceiros acabaram atrás das grades – o que se há de fazer? Foram caindo nas mãos dos policiais, capturados como peças do xadrez. Mas sempre consegui me safar. Hoje: nova identidade, cidadão trabalhador, esforçado e simpático com todos.

Alguns hábitos a gente nunca perde, então, ter a correspondência de milhares em minhas mãos me dá uma van-

tagem enorme. Informação é poder. Abrir e depois fechar cartas sem deixar rastro é moleza para mim. O que mais atrapalha é a discrição necessária para levá-las para casa e o pouco prazo para ler tudo. Mas ainda sou hábil o suficiente para não deixar nenhum vestígio de violação. Com o tempo fui selecionando as mais promissoras, que poderiam me render melhores benefícios e acabei focando neste bairro.

Acompanho suas vidas de perto. Quantos segredos, quanto material aproveitável... Os costumes mudaram e me atualizei. Além dos telefones grampeados, criei perfis falsos nas mídias sociais, ampliei minhas fontes de informação. Guiado por meu tino, especializei-me nesta família – a que tinha mais potencial. Investi muito no detalhamento da pesquisa sobre todos e conto com a ajuda da minha amante, Jose, copeira-arrumadeira. Ela é uma deusa loira, bonita, gostosa, um pouco mandona, mas fico de quatro quando ela veste apenas o avental – submissão doce e voluptuosa. Não há o que eu não saiba sobre Madame Lola e seus parentes. As conversas à mesa são reveladoras, de fazer inveja a um padre no confessionário. As paredes têm ouvidos, mas as pessoas não percebem o quanto estão se expondo – e repetem isso indefinidamente.

As peças estão avançando no tabuleiro e o momento do xeque-mate está próximo.

A *Abertura Coriolano*, de Beethoven, é uma obra-prima. Toda a estrutura da composição se baseia na tragédia homônima do tempo dos romanos, na de Shakespeare, e principalmente na de Heinrich Joseph von Collins. Com certeza, Beethoven se identificou com o tema que lhe era tão caro, o desafio ao destino.

Quando soube que a orquestra local iria começar seu novo concerto com esta música maravilhosa, corri ao teatro para pegar meu lugar, uma cadeira da arquibancada. O assento ao lado esquerdo estava vago. Mas, quando o regente já ia dar início ao programa, eis que surgiu, esbaforida, uma figura singular. Alto, obeso, de uns cinquenta anos de idade, mal penteado e barbudo, o homem vestia um terno surrado, camisa branca, sem gravata. Solto um ruidoso suspiro, e sentou-se com espalhafato, esparramando sua gordura, bem na hora em que os músicos começaram a tocar.

Os fortes acordes iniciais descreveram a personalidade guerreira de Gaius Marcius Coriolanus, prestes a invadir Roma. Meu vizinho acompanhou os *fortissimi* com movimentos violentos das mãos, regendo. Incomodava-me bastante. A seguir, a música ilustrou os conselhos da mãe do protagonista romano na tentativa de acalmá-lo, com uma melodia mais suave, que meu vizinho imitou em tom indiscreto, deixando-me ainda mais contrariado e com vontade de lhe ensinar

umas verdades. Enquanto isso, Coriolano, impossibilitado de recuar na guerra, precisou lutar, e a orquestra intensificou seu tom. Ao meu lado, o homem, arrebatado, se levantou, gesticulando, quase me batendo com seu braço aberto, invadindo meu espaço. Fiquei revoltado. No final, Coriolano se matou, e a orquestra terminou esta abertura quase em silêncio.

Silêncio foi tudo que meu vizinho não fez. Aplaudiu com estardalhaço, e gritou bravo, bravo. Quem ficou ainda mais bravo fui eu. Ele, não contente, ainda teve tempo de soltar alguns assobios malcriados. Nojento. Resolvi lhe dar uma lição. Confrontá-lo com alguma frase realmente contundente, daquelas de deixar o outro espumando de raiva. Sem levantar dúvidas sobre minha revolta. Assim, num raro momento de pausa, me dirigi a ele, arrematando:

– De qual hospício o senhor acaba de fugir?

Por um segundo, ele ficou estático... Iria me agredir? Mas logo um largo sorriso invadiu aquele rosto barbudo, e ele replicou, em alto e bom tom:

– Pinel!

## O telefonema

- Boa tarde, querida. Aconteceu alguma coisa?
- Bon soir, Chér Prefeito.
- Madame Lola? O que está fazendo na minha casa?
- Vim conhecer sua linda esposa. Estamos experimentando alguns tipos especiais de chá.
- Por favor, não toque nas crianças.
- Les enfants? Estão perdendo seu tempo e parte importante de suas vidas na escola, aprendendo coisas inúteis. Acho que vou ter que conhecê-los outro dia.
- Deixe-me falar com minha mulher.
- Monsieur Prefeito, o senhor fala com ela todos os dias. Elle est trop jeune pour toi.
- Eu já expliquei para o seu filho. O projeto é estadual, a verba é federal, foi aprovado pela Câmara Municipal. Não há nada que eu possa fazer para salvar a praça.
- Quero que a praça se dane. O imbecil do Justino insinuou que mon jardin seria afetado também.
- Non. Non. Non. Non. Não. Ninguém toca no seu jardim. Tem minha garantia pessoal.
- Estou aliviada, Senhor Prefeito.
- Só isso, Madame Lola?
- Tem a questão do barulho, naturellement.
- É uma obra grande, certamente haverá algum incômodo.

– Não me importo com incômodos, não suporto barulho dentro da minha casa.

– Madame sempre viaja no final do ano, pois não?

– Oui. Passo o Natal em Lourdes, Réveillon em Viena e Carnaval em Veneza.

– Perfeito. Em três meses consigo completar a obra.

– Achei que era uma obra grande.

– Não na praça, Madame. A obra na praça vai durar anos. Em três meses consigo fazer um isolamento acústico na casa, em especial no seu quarto. Se a Madame permitir. Tudo por conta da prefeitura, naturalmente.

– E meu filho o chamou de ladrão inepto. Fico satisfeita, Monsieur le Maire.

– Posso falar com minha esposa, agora?

– Ela está meio sonolenta no momento. Mas não se preocupe, amanhã cedo acordará cheia de energia e vontades, se é que o senhor me entende. Esteja preparado.



## As surpresas continuam

– Quietinho aí Carrapicho – disse Madame Lola, me colocando no armário, deixando uma brechinha para que eu pudesse respirar.

Miei muito, ninguém me ouviu.

Estranho. Madame pegou minha baratinha de estimação e a pôs no bolo como enfeite, encaixada no creme. Uma ameixa perfeita!

Depois me escondeu e se escondeu.

Vingança pura, acho.

Após a festa que fiz na mesa, agora arrumada, todos os convidados ao redor para festejar a aniversariante sumida.

O primeiro pedaço do bolo com meu bichinho favorito, foi para o Doutor Justino, que não a viu e saboreou com gosto.

Entre uma garfada e outra, correu com orgulho sobre as maravilhosas obras ao redor de sua casa. Mal sabe ele...

E eu como fico? Continuo aqui?

Miei, miei e nada.

## Quem não tem cacife não joga o jogo .

Minha linda e jovem esposa entra na sala das armas sem bater na porta. Só duas pessoas fazem isto sem serem rechaçadas. Meu filho mais velho, aquele que traz nas feições os traços inequívocos herdados da minha genética. Vejo-me nele em tantas ocasiões... Através dele me revi crescendo, no porte físico avantajado da juventude, na linha rígida do queixo quadrado, no arqueamento da sobrancelha quando contrafeito, nos olhos que mudam do azul-escuro ao cinza opaco de acordo com o grau de perturbação. Através dele me vi sendo pai pela primeira vez quando nasceu meu primeiro neto. Um filho que não conheceu o meu não. Quanto a ela, entra sem bater na porta com a confiança de quem sabe esquentar meus lençóis. O terceiro casamento, um homem como eu o faz motivado por razões bem distintas dos demais. Se o primeiro nos traz a estreia dos primeiros afetos e as boas-vindas da prole, o segundo casamento me arrisco em três hipóteses: movido por alguma paixão visceral, pela cumplicidade do companheirismo ou compelido ao preenchimento da lacuna deixada pela primeira que já partiu. Quanto ao terceiro, a prática dispensa a teoria. Um homem como eu o faz por livre e espontânea vontade, atraído pelo pleno exercício do direito ao gozo. Ela sabe disto e explora minhas fraquezas. A língua quente me enrodilhando o pescoço quando quer roubar minha atenção ao se sentir ex-

cluída, os dedos ágeis entre as coxas embaixo da mesa em espaços públicos em troca da minha persuasão para coisas que só dizem respeito ao interesse dela, a mão escorrendo do peito forçando a braguilha até o sexo adormecido quando quer esfolar meu bolso. Sim, porque para ela digo não. Com a frequência e medida com que me chegam os desvarios das suas exigências. Isto apimenta nossa intimidade, faz parte do jogo da sedução. Ela esticando a corda com suas megalomanias risíveis, de menina mimada bem-nascida e moça malcriada. Eu na rédea curta das minhas idiossincrasias quase senis, resvalando para não protagonizar um romance burlesco. Comedido, controlador. Para ter a mulher na palma da mão, a entrega do alpiste é fracionada e a água em conta-gotas.

– Afinal, o que é tão importante a ponto de perturbar meu passatempo preferido?

– O burburinho no bairro é geral, os jornais não noticiam outra coisa e até Madame Lola se arvorou de tirar satisfações com o Senhor Prefeito. Este canteiro de obras vai vandalizar a beleza de nosso bairro e invadir a privacidade da família. Qual é a falcatrua desta vez? Acha que me escapa esta sua convivência consentida?

– Querida, da minha mãe cuido eu e do Prefeito também. Há interesses em jogo que não são para sua alçada. A empreiteira que ganhou a licitação está distribuindo cortesias em *petit comité*. *Offshore*. Fundos de investimento em paraísos fiscais: Cayman, Andorra, Mônaco. Aqueles nos quais você se regala em desfrutar férias, como criança em parquinho de diversões. Acompanha meu raciocínio. Mentaliza a marina de Porto Fontveille salpicada de iates suntuosos atracados aos pés de Monte Carlo. Mentalizou? Agora vai treinar bridge com suas amigas e esteja fogosa hoje à noite. A propósito, quando comentarem qualquer coisa so-

bre a obra na praça, responda que “quem não tem cacife não joga o jogo”. Se estranharem, retuque: “Ah! Não me interpretem mal, estou falando do bridge.”

## Pensamento e arte: devaneios de uma doméstica

Espio pelo lado de fora, através do vão entre as folhas do portão de carga e descarga. Deste lado do quarteirão é a única via de entrada para a obra, circundada por muros até onde a vista alcança. Dentro, vejo as coisas sob um ponto de vista, talvez, pitoresco, que narro a seguir.

### **A ação se passa no canteiro de obras**

Os personagens são os pedreiros e serventes, os caminhões que entram e saem, os carregadores, a umidade, os construtores e engenheiros, as guias, o sol rastejando sombras no chão, as retroescavadeiras, motosserras, carrinhos de mão, os passantes ainda ausentes com suas sacolas de compras, os irmãos Karamazov ali à esquerda, as escadas, o Coronel Aureliano Buendía lá no fundo, o concreto, os motoristas nas cabines das máquinas, Medeia e Macabea ali e ali, o coro e eu. As montanhas de terra e areia, os tubos hidráulicos, a surpreendente evolução dos trabalhos, o monóxido de carbono sendo liberado bem perto.

### **A obra está em andamento, entra o coro**

O coro são os antepassados dos que vivem nesse lugar, dos que trabalham nas construções, de quem tudo se gera a partir do próprio corpo e dos gestos, da força, das crenças, dos rituais, do performar coletivo, da comunicação com a natureza,

do poder de contar histórias e encarná-las, escolhendo palavras, adereços, danças. Aqui tudo se mescla e não é um ensaio aberto, mas a verdadeira cena, inadvertidamente regida pelos caprichos de Dionísio, delirante, profanador de realidades, a serviço das novas ficções. De dentro de um container saem coletes, capacetes e óculos de proteção, botas e luvas, placas com símbolos.

**Aperto o play para o fundo musical na voz de Sharon Van Etten cantando *The end of the world*, nos plugs dos meus ouvidos. Entro eu, Estamira**

O drama sou eu sendo observada em cada passo, em meu figurino de doméstica, quando uma rajada de vento me despenteia os cabelos ao mesmo tempo em que desfaz o nó frouxo que atava meu avental à cintura, agora sendo levado para os galhos de uma das poucas árvores que restaram. No bolso dele, o papel contendo ecos conjurados de ruídos inaudíveis, impregnado com uma capacidade específica de abalar aspectos geográficos. Sigo em frente até onde o avental tremula alto e branco e encontro o papel solto, destinado a ser recuperado. Localizo o ponto mais ou menos central da arena e rasgo com meus dedos e unhas uma pequena cova no chão, onde ele é plantado. Há sutilezas que exercem grande influência sobre a matéria. Enquanto me retiro nos bicos dos pés, sou lava, mercúrio, areia-movediça. Sinto um primeiro tremor no chão e já do outro lado da rua vejo quando se fecha uma gigantesca cortina de terra, que sobe e cobre o céu por algum tempo.

## Lá sou amiga do rei

Esqueci, é hoje a passeata. Abro as janelas e vejo nossa tia, a Madame Lola, que segura a ponta de uma faixa com os dizeres: AQUI NÃO, AQUI NÃO.

O nosso casarão está numa zona residencial com alamedas de diversos tipos de arbustos e flores, os pássaros e as araras sobrevoam e descem das árvores para saborear os alimentos dados pelos moradores. É impossível abrir um shopping center e um ponto de ônibus aqui, nossa família declara guerra.

A governanta me chama:

– Madame Lala.

Desço as escadas e ela diz:

– Hoje tem muitos convidados, o que a senhora vai querer para o almoço?

– A lista já está na cozinha, mas pode também fazer aqueles quitutes saborosos, pode usar as louças dos antepassados guardados com carinho pela Madame, a toalha é a colorida dos países que ela visita, guardanapos de linho com monograma e copos de cristal. A passeata já está quase no fim, apresse os preparativos. Não esqueça dos licores, coloque na prateleira de jacarandá, ela gosta de saborear um por um e sempre diz: é para purificar minha alma.

A campainha toca estridente e continuo. Corro e lá está, embaixo da porta, uma carta. Abro e leio:

*Querida Lala,  
Vou embora pra Pasárgada, o rei me espera.  
Beijos!  
Madame Lola*

O quê?! De repente? E agora, o que faço?



## • Vai ter shopping!

Novidade hiperlegal: perto da casa da Bisa vai ter shopping!

Não entendi, meu pai acha que o Vô e a Bisa não vão gostar, até me proibiu de falar nisso, tipo, eu sei é que eu curti muito.

Mano, vai ter cinema, McDonald, Kopenhagen, tudo! Bem na frente da casa deles, acho que pode ser até que me deixem ir sozinho com o Ti ou levar alguém, quem sabe a menina que me chama de seu crush?

Será que, com o shopping, a casa da Bisa vai ficar menos bizarra? Agora não tem nada lá perto, tenho um mega medo de lá.

## A demolição

Sendo eu um gato meio felino meio humano, com faculdade de estudar os homens e conhecê-los pela forma e cheiro, procuro andar sempre com a minha parceira Kate Cute, que tem olhos mais poderosos que os de um lince e fotografa a fisionomia das pessoas, jamais as esquece mesmo que elas envelheçam ou façam plásticas.

Assim sendo, formamos dupla e estamos aptos a realizar difíceis trabalhos. Nossa proprietária, Margarida Sachs, vizinha de Madame Lola, usa-nos para suas averiguações.

Estamos cientes de que vão destruir a bela praça defronte à nossa residência para ali construir terminal de ônibus, estação de metrô e shopping center.

É pena, gostávamos de por ali passear, dormir no grama-do e perseguir os passarinhos.

Quanto ao fato de mais pessoas frequentarem o local, será um bom motivo para estudá-las, sentir suas formas e cheiros. Kate Cute as guardará em suas retinas para sempre, podendo identificá-las mesmo daqui a muitos anos.

Nossa *hostess*, Margarida Sachs, acha deplorável essa demolição, pois sua bela residência ficará desvalorizada, ao mesmo tempo ela pretende instalar no shopping algumas das lojinhas de brechó com as quais enriqueceu.

Vamos aguardar os dias que virão.

## O enigma

Estamira, sempre dois passos à frente, mostra o caminho para a arrumadeira, mais amedrontada do que curiosa. Os subterrâneos do meu jardim são labirintos mais traiçoeiros do que as catacumbas romanas, é preciso siso para não se perder. Elas me encontram num quarto que já foi masmorra, já foi canil de mastins ferozes, e hoje é apenas uma sala de inspirar terror, toda de pedra, sem janelas, porta de madeira maciça com um ameaçador ferrolho bicentenário do lado de fora. Ambiente escuro, ar viciado; ateio fogo a folhas e ervas e logo odores e perfumes evoluem-se, simulando uma atmosfera agradável, dando até a ilusão de brisa inexistente. Espero-as junto a uma pequena mesa posta para o chá, sentada numa espécie de trono, cadeira alta que não permite que meus pés toquem o chão, mas me coloca acima do horizonte comum.

– Sente-se, menina. Ma petite Estamira, sirva-nos o chá, depois volte para suas obrigações.

São três chávenas da mais fina porcelana, quando a terceira é servida, Carrapicho, o gato da casa, sai das sombras e pula para cima da mesa. Mata a sede de forma assaz barulhenta.

– Beba menina, não há motivo para temor. É só um bom e velho chá de ervas, receita de minha mãe. Não é comum eu socializar com a criadagem, entendo seu espanto. É que che-

gou ao meu conhecimento um fato grave, que merece uma resposta rápida.

– Resposta? Mas Madame Lola, nem sei qual é a pergunta.

– Tem gente que pensa que sou tão velha como a Esfinge de Tebas, veja só. Nego isso, menina, mas aprendi com ela a força das boas perguntas e dos enigmas.

– Decifra-me ou te devoro?

– É tão bom ter uma empregada culta. Se a menina desaparecer, onde arrumarei outra tão interessante?

Com algum esforço, desço da cadeira e tomo meu caminho para a porta.

– Terminando o chá, arrume tudo e volte para casa. Foi bom termos essa conversa e nos entendermos.

– Não sei o caminho de volta, Madame Lola.

– O gato sabe. Não o perca de vista.

## • Vida de borboleta (verde-chamejante)

O bridge. Mudei o vestido para cinza-solidão, que hoje combina mais com os meus olhos e não está salpicado de pelos do gato que me agulhou as mãos quando tentei expulsá-lo. Não escovei os cabelos, tento um coque, mas meus dedos escolhem a trança embutida, fios dançam entrelaçados e em dois minutos e trinta e sete segundos ei-la inteira, um novo recorde. A presilha-strass segura a ponta do trançado, sim, Maninho conhece a presilha e apalpando o longo entrecruzado de fios, descobrirá o caminho dos gomos até encontrar o objeto que os prende. Para então arrancar a presilha com força, e soltará as madeixas, irá me pentear com as mãos, os dedos procurando botões, zíper, fendas, é novo? perguntará sobre o vestido e não me permitirá resposta, imerso no desafio de me descamufalar. Nem sempre é fácil encontrar a roupa coringa, que combine o chique-super-longo-chato carteadado com línguas e uivos. Como sempre, Maninho, um cego escondido em seu porão-casa, o irmão menosprezado de Justino, o filho ignorado por Lola, esquecido no fundo escuro da memória familiar, estará à espera, úmido-ardiloso, intenso. Como sempre irá me lamber inteira, e pedirá unhadas e mordidas, subiremos mesas, estantes, derrubarei todos os vasos, a terra preta no chão, ele vomitando gozo, eu mastigando folhas secas e me transformando em larva.

Mas, antes, preciso ganhar o jogo. E já na sala-carteadado,

beberico gim aguardando rivais enquanto ouço a voz de Coriolano. O casal de convidados ainda não aportou e J.S. inicia sua verborragia. Confiro no reflexo da janela a minha imagem-diva, a longa trança negra repousando no seio esquerdo, sobranceiras obscenas, boca perfeita para exorcismos; talvez Coriolano me escrevesse em seus livros se me visse lagarta, pesada e lenta, peluda-ardência, um corpo segmentado e cilíndrico, três chifres brotando de cada seio e dispostos a tudo, o sexo, um túnel flamejante, com ecos pegajosos, como será o sexo de uma lagarta?

Há cheiro de ervas no ar, certamente Mira iniciou sua alquimia e se me ajudasse, certamente eu viraria esse jogo. Mas a dupla de convidados surge, e Coriolano não consegue se concentrar porque uma mulher ruiva chamejante aportou à mesa e seria lindo misturar laranja e vermelho, Fernão certamente me ajudaria, riscando fósforos e incandescendo ainda mais aquele cabelo-chamas, mas Coriolano, intuitivo, derrubou a taça d'água nos colos da ruiva. E, agora, pede desculpas, e tenta enxugá-la com os olhos, salivante, premeditado, e, como um bom escritor, aflitivamente presciente do seu e dos meus. Desejos.

## O segredo

Meu pai morreu numa terça-feira fria de julho, depois de ter tido um enfarte. Na volta do enterro, minha mãe pediu para acompanhá-la até a padaria para comprar um lanche. A tarde estava chuvosa e tudo o que eu queria era ir pra casa. Ela disse que tinha uma coisa pra conversar comigo. Montou o lanche rapidamente na mesa da cozinha e nos chamou. Minha irmã não aguentou o cansaço e, sem fome, subiu pro quarto. A casa costumava ser bem aquecida, mas estranhamente, naquele dia, eu sentia muito frio. Sentei no lugar que tinha sido meu por tantos anos e fiquei à espera, rodeada por móveis e objetos conhecidos de muito tempo e sentindo um cheiro de infância e aconchego.

Minha mãe estava diferente, meio aérea, reticente, bem ela que costumava ser muito direta e sem papas na língua. Sentia curiosidade e cansaço, afinal, tínhamos passado a noite em claro, meu pai à morte, e o resto do dia velando o corpo e recebendo os pêsames de parentes e amigos. Um vazio me invadia e, paradoxalmente, parecia não caber mais nada. Deu pra ver como ele era querido na família e no trabalho, o pessoal da Fepasa, onde trabalhou muitos anos, falando só bem dele. Foi uma jornada difícil, pra que alongar ainda mais? Insisti pra deixar a conversa para outro dia, mas ela não abriu mão.

Como a lâmpada da cozinha tinha queimado, minha mãe

improvisou com um abajur da sala. Na penumbra, em voz baixa, com o queixo voltado pro peito, disse que minha irmã não era filha do meu pai. “O quê?!” a princípio não acreditei no que tinha ouvido, mas ela repetiu a frase. “Que história é essa?”, perguntei. Ela se levantou e, enquanto pegava alguma coisa na geladeira, fiquei esperando por um tempo que me pareceu infinito. Procurava os olhos dela e ela desviava o olhar. “Você deve estar assustada, Dete, me desculpe, é um assunto muito delicado, eu sei, mas...” “Devo estar surtando, meu pai acaba de morrer... que conversa é essa?” “Calma minha filha, deixa eu...” “Ficou viúva e enlouqueceu? Só pode ser isto!” “Vou te explicar tudo, calma”.

De repente, subiu um intenso calor pelo meu pescoço e escorreu um rio pelos meus olhos. Solucei forte um tempo que me pareceu longo, mas que não saberia precisar quanto, depois fui lavar o rosto no banheiro, enquanto ela fez um chá de erva-cidreira. Minhas pernas tremiam, nem sei se de frio ou medo.

Ela esperou eu me acalmar e continuou. “Teve um período da nossa vida que seu pai trabalhava à noite, conduzia trens noturnos, enquanto eu trabalhava durante o dia em um grande escritório de advocacia. A gente mal se encontrava e o casamento começou a degradingolar. Eu me sentia muito triste e desamparada”, ela continuou, “cheguei a me arrepender de ter casado, emagreci, fiquei deprimida. Nesse tempo, o Dr. Justino frequentava o escritório em que eu era copeira. Eu, muito jovem, ele muito charmoso, me envolveu num jogo de sedução e eu caí como uma patinha.” “Mãe, não acredito! Esse homem ficou sabendo?” “Acho que pode ter desconfiado, minha filha, como esconder? Mas não mudou muita coisa. Eu e ele éramos casados, o que a gente tinha era um flerte.” “Meu Deus! E eu?” “Você... quer dizer... não sei ao certo...” “Mãe, pelo amor de Deus, pensa no que você está me dizendo...” “O



turno noturno do seu pai durou seis anos... aquela solidão total... seu pai muito envolvido no trabalho dele... os encontros no escritório continuaram e o Dr. Justino foi preenchendo aquele vazio.”

“Papai nunca desconfiou de nada?”, perguntei gritando, sentia um gosto amargo na boca. “Ele iria ficar muito magoado, jurei pra mim mesma que nunca faria ele passar por esse desgosto.” “Qual é o nome dele?” “Justino Severo”. “E que apito ele toca?” “Foi corregedor geral do ministério público, um homem importante, acostumado a dar ordens, a ter todo mundo a seus pés... Agora está aposentado, cultiva bromélias e coleciona vinhos.” “Você ainda tem contato com ele?” “Não, não, nunca mais... fiquei sabendo disso por uma revista, uma matéria sobre aposentados ilustres.”

Essa conversa deve ter uns dois anos. Desde então, penso todo dia no que devo fazer, esclarecer ou deixar tudo igual, reclamar os direitos de minha irmã, e talvez também os meus, mas de que forma? Berenice precisa de ajuda para entender as mínimas coisas, não ia dar conta de tomar qualquer providência. Eu mesma quase pirei! Perdi o ano no cursinho pré-vestibular, larguei mão de estudar, me revoltei contra minha mãe, achei que o mundo inteiro era mau. Entendo agora por que os psicólogos dizem que os segredos destroem as famílias. Desde aquele dia, sinto amor e ódio por minha mãe, cada dia um. Ela omitiu essa história por tanto tempo, era nosso direito ter sabido, era nossa vida, ela manipulou todos nós.

Minha memória de criança traz uma família feliz, sempre rodeada de parentes e amigos, piqueniques, matinês no domingo, festinhas de aniversário. Sem grandes dramas, bem normal. Até o fato de minha irmã ser oligofrênica era bem absorvido. Aliás, perguntei se o tal Justino sabia disso. Ela respondeu que sim e que tinha ajudado financeiramente. “Ele

sempre tentou me dar dinheiro. No início não aceitei, aquilo era humilhante, fora o medo que seu pai percebesse. Mas quando a Berenice começou a ter problemas de aprendizado, repetir o ano na escola, não assumir as mínimas tarefas pra idade dela e precisar de tratamento médico e psicológico, decidi aceitar mesmo correndo o risco de seu pai descobrir. Como filha ela tinha direito.” “Ele nunca falou em reconhecer a paternidade?” “Isso nunca. Mas eu entendo, Dete, eu era casada, ele também, tinha uma carreira pública, uma posição importante, você acha que ele ia assumir um relacionamento com uma copeira sem diploma de nada?” “Se ele gostava de ir pra cama com essa pessoa sem diploma, uai, por que não?” Ela não respondeu, baixou a cabeça, ficou acabrunhada... pensei que ia chorar, e então pediu licença pra ir se deitar.

O tempo passou e eu me arrependi de ter falado daquele jeito, minha mãe tinha guardado esse segredo por tantos anos, deve ter sido pesado. Revelar não foi nada fácil também, ainda mais com a minha reação. Pra mim foi um tremendo baque, me senti uma idiota útil, sem nunca ter desconfiado. De lá pra cá penso cada vez mais no assunto e no que é preciso fazer. Cresce dentro de mim a necessidade de saber quem é meu verdadeiro pai. Fora o fato de me sentir responsável por Berenice, não é por não ter discernimento que não tenha direitos. Com a doença da minha mãe avançando, sei bem quem vai ter de cuidar dela daqui pra frente...

## • A miséria é indivisível

– Olá, qual é seu nome?

– Joana. Pode me chamar de Jô.

– Bem, Jô, você ficou bem?

– Sim, mas estou desesperada por companhia.

– Pronto, já tem companhia.

– Estou há 14 dias sem ver ninguém, só terra e mato. Os empregados me trazem o café, almoço e jantar, deixam as bandejas e vão embora. Quem tem problemas aqui, você ou seus filhos?

– Veja bem... Quarentena existe para ser cumprida.

Essa gente acha que sem ficar isolada pode se safar dessa coisa que anda solta por aí. Ela não percebeu que sou solteiro, ou está fazendo cena. Ah, essas mulheres.

– Quando me trouxeram para cá, disseram que eu tinha que ficar de quarentena por duas semanas antes de fazer meu trabalho, porque sua família era de risco. Vim para esse fim de mundo, deixei minha filha e marido porque precisamos dessa grana, só por isso. Sou bem-casada, já me arrependi de ter vindo.

– Calma, Jô.

Preciso ter uma paciência de Jó com essas meninas (rs). A anterior foi mais tranquila, mais relaxada. Essa pelo jeito vai me dar problemas.

– Estou calma. A Lizete que me contratou para ir em sua

mansão em São Paulo, insistiu para que eu viesse para a fazenda, fazer as unhas e cabelo dos funcionários. Disse que para chamar outra manicure ela iria me preferir, disse que eu trabalho bem. Só vim porque seria um bom dinheiro. Ela sabe que eu preciso. O que meu marido ganha não dá para muita coisa, sabe.

– Então, querida...

Elas são ansiosas por dinheiro, acham que o dinheiro compra tudo, eu também acho, no final das contas somos iguais.

– Quando eu trabalhei lá, o motorista foi me buscar e me levou para casa. Não foi o mesmo que me trouxe aqui. Vocês mudaram de motorista?

– Não mudei, é que tenho mais do que um motorista.

Desagradável ter que me expor assim, dar detalhes de quem são meus funcionários.

– Bem, vamos ao que interessa, porque quero voltar logo para casa. O que o senhor gostaria? Pé, mão, cabelo...

– Tudo que você possa fazer.

– Certo, vou fazer seu pé primeiro.

– Certo. Faz massagem também?

Meu Deus, que burrinha, ela não entende ou se faz de sonsa.

– No pé?

– Bem...

– Pronto.

– Pode subir mais um pouco? Está uma delícia, não pare.

– Pera aí, isso não está no pacote. Eu não sou massagista.

– Só um pouquinho, ninguém está vendo.

Ela não está entendendo, ou está se fazendo de boba, que difícil.

– Quer tomar alguma coisa?

– Eu sou casada, estou aqui porque preciso de dinheiro

e vim para um trabalho honesto. Será que ele vai acreditar?

– Calma, tome isso, é um refresco de maracujá, se acalme. Fique tranquila, querida. Aproveite os ares da fazenda. Ouça os pássaros, o barulho do silêncio, que ver meu cavalo?

– Acho melhor me sentar, estou tontinha e nervosa.

– Venha sentar-se aqui, não tenha medo, não sou nenhum bicho-papão.

Fernão se excita com a manicure, jovem de pele morena, cabelos negros e longos, enquanto ela dorme, ele se delicia.

Ninguém pode saber que ela e muitas outras passaram pela fazenda, onde o dinheiro fala mais alto.

Depois de cinco dias, atendendo ao patrão, a manicure volta para casa com a quantia prometida e com a vontade de contar tudo para Justino.

AURORA

## Ultimato

Hoje vou à mansão de Justino para acertar as contas. Tenho pensado muito em como falar com ele, agora que fiquei sabendo que tem uma doença terminal, com pouco tempo de vida. Que situação! Agora entendo porque andava brochando. Se tivesse me contado, eu dava um desconto, mas agora realmente tudo se complicou. Estou meio pilhada, na dúvida se devo botar as cartas na mesa, mas tenho que abrir o jogo, estou na pindura, preciso sobreviver.

Será que é melhor que Madame Lola esteja presente? Ou falar a sós com ele e, dependendo do que rolar, eu conto para a velha bruxa. Vou tentar com ele sozinho. Mas, confesso que estou mal, culpada. Que porcaria, tinha ele que ficar doente e estar nas últimas? E se a minha conversa piorar a doença? Ando meio azarada, ser filial não é moleza, não.

Chego na mansão, Justino e Madame Lola estão na varanda. Que saco, essa velha não larga mão, bruxa, ela deve desconfiar de mim. E essa empregada, varre dez vezes o mesmo lugar, acho que é para escutar e depois contar, sei lá para quem. E a coruja, com os olhos arregalados, me intimida até o rabo. Universo conspirando, mas é agora ou nunca, vai que o Justino morre e aí estou lascada...

Aurora: Olá, Justino, bom dia. Madame Lola, como está? Voltou do seu refúgio? Que fuga exemplar no dia do seu ani-

versário! Deixou a gente só com a vontade de comemorar, perdemos o banquete.

Justino olha para mim e me engole com os olhos. Quer me calar, morre de medo que sua mãe descubra, que além das esposas tem uma amante. Madame Lola está bem ligada.

Justino: Aurora, a gente se encontra numa outra hora. Preciso falar com a mamãe e resolver uns problemas urgentes, outra hora conversamos.

Aurora: Você não entendeu, precisamos conversar agora. E aproveitando que sua mãe está por aí, já fica sabendo também.

Lola: Saber o que, Aurora? Quem é você?

Aurora: Sou amante do Justino há muitos anos. A senhora não percebeu? Ainda bem, ficaria envergonhada. Sou mulher atraente, cheia de recursos especiais para enlouquecer homens de verdade.

Lola (interrompendo): Claro que é mulher, estou vendo e está bem desengonçada, gasta, seu tempo já passou. O que quer?

Aurora: Eu amo Justino, mas ele não dá mais bola, nunca tem tempo para mim. Agora com uma nova esposa, perdi o meu lugar. Say, alguma coisa, isso lá é nome, lazarenta. Tomou meu lugar, o que ela tem mais do que eu? Quero ver se aguenta as dificuldades dele, como eu, e por tantos anos. Essa tal só deve estar com ele por causa do dinheiro. Como toda mulher sabe, você, Justino, está no fim da linha. Ela foi bem mais esperta que eu.

Justino: Cala a boca, respeite a minha mãe... vamos conversar, sim, mas no tempo certo. Me respeite também, estou morrendo e não tenho que passar por esse constrangimento.

Aurora: Você não vai usar a doença agora para não me dar o que prometeu, as joias, o apartamento, a viagem... Eu

aguentei suas histórias, as explicações, o não comparecimento, e tudo mais. Se é verdade que vai morrer, eu preciso receber a minha parte.

Lola: Sua parte, o que você está querendo? Não tenho nada a ver com as amantes do Justino, ele é homem e tem direito a quantas mulheres quiser, mas, mexer na nossa fortuna, nem pensar. E essa conversa se encerra aqui. Pode tomar seu caminho, vai pegar outro trouxa.

Aurora: Quero respeito. Ainda sou boazuda e já fui bem mais, seios durinhos, fartos, cintura de vespa e coxas torneadas. Muito exercício e dieta, esforço diário. A idade me castigou, é verdade, mas também as transas de todos os dias. Durante vários anos servi seu filho com muita atenção e carinho, e o que recebo em troca? Nada, nem orgasmo, nem dinheiro, nada. Então, se não tiver a minha parte, vou contar o resto da história. Decidam vocês.

Lola: O que mais você tem a dizer?

Justino: Stop, cala a boca Aurora, vamos conversar sim, mas não aqui e agora. Minha mãe merece respeito. Mãe, você pode nos deixar a sós? Aurora surtou e preciso dar um basta nessa pressão.

Aurora: Não vou parar, não. Eu sempre respeitei, mas deu para mim. Agora dá ou desce. Quero que você me passe a escritura do apartamento e me dê tudo o que sempre prometeu. Madame, essa enrolação já anda por anos, me dá nos nervos saber que ele agora tem uma mulher oficial. Falei o que está entalado há muito tempo.

Nessa hora ouço uma sonora gargalhada.

Lola: Você acha que nos comove com essa história. Sai, vai procurar sua turma. Se você não soube segurar o Justino, azar seu, da próxima vez se garanta. Eu tenho uma longa história com muitos homens e posso te contar também. Justino é homem, e se você não se tornou a esposa dele,



azar seu. Vá seguindo seu caminho e cai fora. Essa história de amante reivindicando é mais velha do que minha avó. Entre na justiça se quiser. Fora!

Traída, abandonada, mal falada e pobre. Seios fartos de gordura, cintura de panda e coxas molinhas. Só me sobrou o sorriso, que agora preciso fazer muita força para manter. Saio arqueada de dor e da história também. Meus pensamentos são que eles possam todos arder no inferno.

Semanas depois soube que houve um incêndio no casarão. Praga pega, viu?

## As aparências enganam

O que essa velha quer comigo? Vou entrar de sola. Preciso ficar muito atenta o tempo todo.

Confesso que este lugar me surpreende. Tratando de Madame Lola pode-se esperar tudo mesmo. Mas ela que me aguarde. Aqui, sou apenas a Jose – apelido formado da junção dos nomes de meus pais, José e Neide – mas, em outros tempos e outras bandas, Bloody Blonde. Se pensa que estes corredores vão me fazer perder o rumo, está muito enganada.

– Mandou me chamar? Um dos jardineiros estava lá perto da entrada e pediu para avisar que encontraram outra serpente. Descobriram que ela vivia nos canteiros de agaves e cravos-do-mato.

Abespinhada, a patroa se ajeita naquele trono ridículo. (Pode tentar posar de imperatriz, logo vou mostrar quem é que manda).

– Sim, sente-se, fique à vontade, minha cara. Vamos tomar um chá. E sussurrando: de novo uma serpente? Malchance.

– Obrigada pela consideração (Se pensa que vai me fazer sentir sufocada neste quarto claustrofóbico, logo verá quem está num beco).

Ainda não tinha percebido a presença de Carrapicho, que salta e me encara, antes de sorver o chá como uma poção mágica. (Essa bruxa leu Macbeth? Acha que mandar Estamira sair e nos deixar a sós me intimida?)

– Estou esperando sua explicação – e bate a bengala com violência.

– Juro que não quebrei nada! Os romances estão cheios de pistas falsas, não é mesmo? (Pode ser enigmática e tentar me amedrontar, muito breve descobrirá quem pode ameaçar quem).

– É tão bom ter uma empregada culta. Se a menina desaparecer, onde arrumarei outra tão interessante? Terminando o chá, arrume tudo e volte para casa. Foi bom termos essa conversa e nos entendermos.

Com voz débil, respondo:

– Não sei o caminho de volta, Madame Lola (Vou dar um jeito de descobrir por que ela quer me reter aqui por mais tempo).

– O gato sabe. Não o perca de vista.

(Pronto: fechei minha atuação com chave de ouro ao parecer receosa ao final da conversa. Sei muito bem o caminho a seguir. E ele será trilhado sem hesitação nem desvios).

NETA DO HOMEM NO RETRATO  
NA PAREDE DO CASARÃO

## Passagem obrigatória

Passo por aqui antes de sair, porque ele gosta que o reverencie com um belo boa noite, olhando bem pra ele. Engraçado, só atenta em minha presença logo que me atrevo a dar um passo diante dele. Falo alto, quem sabe me escuta (só rindo, sua tonta!) e no claro me veja. Daquela cadeira, mais que um trono real, ele não se move, mas seus olhos acompanham meu ir e vir. O vento da noite alta quer balançar a folha de papel que tem nas mãos... Segura firme pra não cair, vô. Sorrio pra ele em alto e bom som: lá vou eu aproveitar a vida, assim me ensinou, não é? Dou uma voltinha só pra ele – me aprontei, gosta?

Silêncio na sala.

Que tal meu traje? Sensual pela cor, pelo decote? Pôr as manguinhas de fora é comigo mesma, você me conhece bem. Que vulgar, eu falar você, lógico, meu senhor, meu amado avô. Mas no dia em que seus netos de sangue e outros conseguirem localizar nas gavetas do seu secreto escritório – se bem me lembro, numa pasta de couro preto com zíper –, e lerem tudo que escreveu pra mim nesse papel, tiro esse quadro da parede, ponho em leilão... sumo pela Europa. Bye bye, Brasil.

## Mudança

Hoje quando eu e o Ti acordamos vimos que a minha mãe estava chorando.

Péssimas notícias, mano. Vamos ter que mudar para a casa da Bisa e vai ser logo, não estou acreditando em tamanha desgraça, tipo, sair daqui do Palazzio e ir para aquele lugar sinistro.

Já tinha sacado que a minha mãe e o meu pai não estavam mais se entendendo, mas nunca podia imaginar que a coisa era assim tão bugada. Achei que era aleatório. Só que não, ela contou que ele aprontou horrores e que não ficava mais com ele nem por decreto.

Ela disse que não ia aguentar desaforo, se ele acha que não tem motivo pra dar um tempo ela toma a iniciativa, que ela tem, sim, casa para morar. Que não ia voltar para a casa do pai, que a Bisa já falou que podia ir para a mansão dela no mesmo terreno, que lá era um lugar mais sossegado, com bastante espaço para ela, eu e o Ti.

Muito chato esse negócio, pensava em ficar para sempre todo mundo junto, meu pai é briguento mas eu gosto dele, não queria ficar longe. Ele me chama de Crush por causa do cabelo ruivo, lembra a Fanta do tempo dele. Mas eu perdoo, amo muito ele!

O que me enche de medo, na real, é a mudança para a mansão da Bisa. Naquela casa tudo é muito esquisito, até já

chamei Madame Lola de Bisa bizarra, claro que bem baixinho para ela não ouvir. Tenho medo dela, credo! O que ela aprontou no aniversário foi megaestranho, não engulo essa história até hoje.

Não é só a Bisa que me assusta, tipo, os bichos também, sempre achei a coruja meio assombrada e lá tem um monte de gato esquisito. O único que se salva é o Yuri, o cachorrinho da Soraya, adoro brincar com ele.

Nem com o shopping em frente parece que as coisas vão estar de boa por lá. Fico contente porque talvez eles me deixem ir ao cinema sozinho com o Ti, é só atravessar a rua. Mas todo mundo diz que a Bisa e o Vô não estão gostando da novidade e eu fico é bem quieto. Depois, sem a galera do Palazzio o shopping deve ficar sem graça.

Tem acontecido coisas bem inusitadas na casa da Bisa. Do nada, começo a ouvir umas vozes estranhas, não tem ninguém perto de mim, quem está falando?

Quase surto quando vejo que é a coruja, ela me pergunta se eu vi o Carrapicho, aquele gato estabonado.

Isso mesmo, ela me pergunta se eu sabia do gato. Sem pensar, respondo que vi sim, com a Estamira e aquela arrumadeira esquisita que eu não sei o nome, andando no jardim.

Cara, é muito assustador você perceber que está falando com uma coruja, nunca vi isso na minha vida!

O mais horripilante é que perco o medo, ela até parece simpática, de verdade.

– Desculpe, nem me apresentei. Não sei se você sabe, mas meu nome é Joy. E eu adoro crianças, Quinzinho.

– Ai, me chama de Joca, por favor! Odeio Quinzinho.

– Eu sei, Joca, e a Madame Lola insiste em te chamar assim. Conheço você desde nenezinho, sempre foi o meu predileto dentre os netos do Dr. Justino. Disse Quinzinho só para ver sua reação.

– Mas nunca vi você falar, Joy!  
– É que agora você já cresceu e está preparado para entender muitas coisas.

– Tipo médio preparado...

– Você vai perceber que consegue se comunicar com muitos dos seres daqui. Por exemplo, vai poder se conectar com os animais, as plantas e até com os móveis.

– Mentira! Sério?

– Não se assuste, Joca, estou aqui para te proteger e mostrar como entrar em contato com eles. Não precisa ter medo de mim!

Tadinha da Joy, ela adivinhou que eu achava ela esquisita e que me assustava muito.

Na boa, com tudo isso, tenho ou não razão de achar a casa da Bisa estranha e de ter pavor de lá?

Acaba que fico muito curioso, ainda mais com o que ela me responde quando falo que o Ti ia achar o máximo eu papear com uma coruja.

– Não conte nem para ele nem para ninguém sobre o que conversamos. Poucos tem os poderes que você tem e podem não compreender o que isso significa.

A Joy fala para eu ficar calmo, mas isso me dá pânico de novo.

Ela parece do bem, mas continuo achando o clima na casa da Bisa tenebroso.

## Prodígios para remoçar

Acostumados a correr pelos terrenos de Madame Lola, o gato Ayel e sua parceira Kate Cute passam diante de uma paineira coberta de flores cor-de-rosa, a felina para diante do tronco da árvore e começa a miar desesperadamente.

Ayel nota que ali existe algo, os dois principiam a arranhar a árvore até conseguirem abrir uma porta secreta e o segredo de Madame Lola está descoberto.

Dentro da árvore há um salão de beleza com diversos tipos de próteses: para levantar os seios caídos, para branquear dentes escurecidos, cremes milagrosos rejuvenescedores e perucas de várias cores.

O salão de beleza é dirigido por duas bruxinhas de sete dedos, as irmãs Imelda e Izelda Mel.

Elas fazem prodígios para remoçar Madame Lola, que ali se refugia antes de ocasiões especiais.

Esse é o segredo que os gatos mostram ao misterioso personagem que acaba de os abordar.



## • Hoje morri duas vezes

Do topo do espigão mais alto da Avenida Paulista, espicho meu olhar em extensão e coloco minha vida em perspectiva. Estou na antessala do consultório do oncologista; rosto circunscrito, gatura no estômago. Momento indivisível como tudo o que se segue a partir de agora. Quando se pensa que algo já está insólito o bastante, ainda há sempre o risco de se rolar ladeira abaixo. A última coisa que uma pessoa, que tem os pés fincados em uma fundação, espera, é que a terra se mova. Não foi visão dupla causada pela doença. Um abalo sísmico, quatro graus e meio na escala Richter com magnitude suficiente para fazer despencar quadros das paredes, deslocar móveis, apagar luzes, estilhaçar vidros e aflorar o descontrole do pânico aos gritos de pavor. Não tem para onde correr. Sem energia, qualquer aglomeração nas escadarias acarreta atropelamentos com hordas de gente se pisoteando para alcançar o chão. Da mão, uma xícara de café quente entornada sobre a camisa branca de cambraia escorre até o sapato de verniz, o chicote do tremor despenteia meu topete grisalho e faz brotar gotas de suor na testa. Terremoto não é coisa de Deus flagelando pecadores, trata-se de movimentação incontrolável de placas tectônicas.

Então é isso, vim receber um diagnóstico de morte anunciada e ela se apresenta em rachaduras pelas paredes, todo senso de ordem pelos ares em segundos e a vida por um fia-

po. Não foi assim que imaginei meu fim, se há um cenário que banaliza o indivíduo é o da morte coletiva. Corpos soterrados no anonimato causam sensação de indigência e nos remetem ao aniquilamento primitivo. “Do pó vieste, ao pó voltarás”. Penso ser mais condizente um desfecho com exclusividade, aparelhos ligados, observando a expressão no rosto dos que me cercam. Espetacularização. Enquanto contextualizo os estragos no entorno a natureza se doma. Tudo vai se acomodando, a luz piscante do gerador, a secretária recupera as funções, testa o telefone, separa papéis e objetos entre estilhaços das janelas. Esta é a dimensão do estrago.

Refeitos, médico e eu sentados frente a frente; minha posição é de alerta passiva. Há um diagnóstico que muda minha expectativa de vida, e mais que isso, um prognóstico que determina o prazo para o fim dela. Ar rarefeito na sala, quem diria que seguido ao descontrole do cataclismo, seria possível ouvir o compasso da minha respiração entrecortada à espera do vaticínio. A voz senil e respeitosa do especialista confere credibilidade; vem gutural, mas de compreensão cristalina:

– Glioblastoma, malignidade grau IV, lóbulo occipital não operável. Devido à evolução silenciosa há registro de metástase adiantada, de onde vêm os sintomas recentes de dor lancinante com intermitência gradual, visão em diplopia, ataxia da marcha e fadiga. Na fase final virão os impeditivos: imobilidade, confusão mental e convulsões. Os tratamentos de eleição são os tradicionais: radio e quimioterapia.

– Quanto tempo de vida?

– O volume tumoral tem relação direta com o prognóstico, no seu caso seis meses com otimismo. Se tiver coisas para consertar e revelações a fazer, que seja breve, na fase adiantada a afasia vai lhe impedir de articular palavras com precisão e coordenar seus atos.

– Não tenho tempo para morrer, esta não é uma boa hora,

há coisas para serem expiadas que dependem de mim. Não estou preparado, além do que minha vida é muito boa para ser desperdiçada precocemente entre hospital e procedimentos. Nunca pensei como seria organizar o próprio funeral. Um silêncio rotundo preenche toda sala, paralisa o vórtice dos sentidos. A expressão petrificada dispensa a formulação de ideias.

Um zumbido no ouvido me coloca no protagonismo da cena.

– Proponho um acordo tácito de sigilo da sua parte e livre arbítrio da minha para decidir a melhor conduta.

– Não posso ser silenciado para sua conveniência, tenho um código de ética profissional a respeitar. Os relatórios estarão aqui à disposição da família, se questionado. Você teria que assinar um documento se responsabilizando pela abstenção do tratamento preconizado.

– Assino o que for necessário, mas se abstenha de legalismos comigo nesta hora, há coisas que fogem ao seu controle. Ao sair por aquela porta, resolver tudo à minha maneira, é decisão que só diz respeito a mim. Estou falando de livre-arbítrio, pessoas fazem escolhas e vivem através delas. Mesmo em fase terminal.

– Não exatamente. A arrogância é uma péssima conselheira para a dor. Você não está em posição de abrir mão de paliativos potentes. Se quiser ter sobrevida com mínima dignidade, vai precisar ser medicado. Ser razoável não tem a ver com autoindulgência. A morte iminente, por si só, já o coloca em posição de ausência de objetividade. Por mais que odeie reconhecer, precisa contar com a minha, na que lhe falta.

As aparências importam, na natureza e na vida; é preciso estar atento à leitura dos sinais. No entanto, nem sempre eles chegam com toque de trombetas ou colunas de fogo na sarça ardente. Difícil é interpretar o silêncio dos sinais, a ine-

xistência deles não é garantia pacífica. Sismógrafos registram um vago movimento tectônico na placa africana e ele vem repercutir no Cone Sul das Américas. Metástases são silenciosas. Houve momentos na vida em que me achava capaz de realizar um par de proezas pelo amanhecer e uma dúzia delas antes de o sol se pôr. Comecei a ter pensamentos estranhos e a certeza da impotência de uns tempos para cá. Mesmo depois de dezenas de estações não encontrei consolo no esquecimento. Meu tempo é curto e sem espaço para punição. Remorso não conserta o que fiz. Se eu agir rápido, para algumas coisas talvez ainda haja alguma forma de reparação. Fico pensando nas coisas que não se confessam nem ao reflexo do espelho. Eu, sempre dado ao farisaísmo, reconheço que, tratar meus erros na dimensão do pecado, muda a procedência do meu julgador. De uma coisa tenho certeza: a quem tanto foi concedido tanto mais lhe será cobrado. Não posso alegar o benefício da fé que salva; o facínora, o perverso, por vezes também a tem. A crença não é garantia de salvação, é apenas parte do processo. Todavia, diante de mim, prevalecem acusações, pecador público que sou. Olho para o chão. Cada pecado sempre me foi tão confortável como um sapato usado no pé. Olho para frente. Diante de mim o dilema permanente: cada um tem a sua própria jornada, mas se assemelham no caminho inarredável do fim. Todo mundo quer ir para o céu, vislumbrar a poeira luminosa da eternidade; pagar a moeda de transição, ninguém quer. Eu também não.

Atravessar o umbral de volta como veio ao mundo, despido de privilégios e sem verniz de dignidade, não é tarefa para os apegados. Recolhi-me para me ajustar com a escrita, não um livro de boas memórias, antes uma retrospectiva dos desacertos. Sem desperdício de intenção. Só o necessário com

nomes, fatos e datas. E a consciência que não quer calar. Deus anda tão sumido, tão ocupado salvando quem merece, ajudando a vida de quem precisa; que se esqueceu de consertar a minha. Na certa me pegou em malfeitos, momentos de pequenez, vil e inclemente que sou. Para Deus não há escondebouro, nem surpreendência. Nem espaço para proselitismo ou balcão de negociação. Ele é oni em todas as coisas. Hora em que preciso sair da penumbra da ignomínia e me apresentar de novo.

– Muito prazer, eu sou Justino Severo, 72 anos, em fase terminal. Não posso desperdiçar mais esta oportunidade. Se não for incomodar demais, peço que me mostre a melhor saída, não sou esperto o bastante para a encontrar sozinho. Eu só quero remediar um par de coisas, sair de fininho pela porta dos fundos, sem magoar mais ninguém. Perdoe a desfaçatez, mas se ainda for possível, prefiro escapar da fadada danação.

JOSENEIDE

## Passado revoltoso

Ainda tonta com a pancada na cabeça, fico sentada no chão tentando me recompor. Percebo ao meu lado o grande vaso de metal que caiu do alto da estante. Aproveitando a rápida saída da patroa – será que ela já voltou? –, mal tinha começado a arrumar a saleta quando começou o tremor. Acho que desmaiei por alguns minutos, não muitos provavelmente, porque ouço vozes tranquilizadoras na casa.

Olho ao redor com desânimo: vou levar um tempão para consertar a bagunça. O móvel ocupa toda a parede perpendicular à janela. Embaixo, portas com maçanetas pesadas de bronze. Logo acima, uma fileira de gavetas sempre trancadas. Nunca descobri onde Madame Lola esconde as chaves. Tudo o que estava nas prateleiras veio abaixo. Vejo que todos estão bem e volto com uma escada para a enfadonha arrumação.

Decido começar por cima e, com uma flanela, tiro o pó acumulado há muito. Quem limpa as prateleiras do alto das estantes? Esta, de madeira maciça, escura, vetusta, guarda memórias de gerações. Pertenceu ao avô do senhor Justino e logo irá para seu neto. Ela impõe certa reverência, seja pela robustez, seja pela imponência, seja pela força da imobilidade onipresente nos eventos da família. Que segredos guardará em seu silêncio inquebrantável, que emoções correm nos veios da madeira, que decisões terá presenciado e sacramentado?

De repente, a flanela enrosca numa lasca. Puxo com força e ouço um ruído. Um fundo falso se desloca, arrasto com cuidado e o compartimento secreto exhibe uma pilha de papéis presos por um barbante. Não estão amarelados, são registros recentes. Sei que tenho que tomar uma decisão rapidamente e não penso duas vezes: retiro as folhas e as escondo no meio do material de limpeza. Termino ligeiro de colocar os livros e enfeites em seus lugares e vou para meu quarto.

Os dedos devassam ávidos aqueles escritos – segredos inimaginados, mesmo para mim, há tantos anos na casa. Não surpreende que estivessem tão inacessíveis. Quem saberá disso tudo? Eu já conhecia muito sobre eles todos e alimentava esperança de achar algo comprometedor, mas isto supera qualquer expectativa. Meu olhar vagueia acompanhando o pensamento – e estanca num sorriso satisfeito. Não há mais o que esperar, já tenho em mãos tudo, tudo o que preciso para, junto com Clyde, dar a cartada final.

## Fiquei pasmada!

Foi muito assustador, Berenice! Eu estava fazendo a mão de madame Lola e a sala íntima em que estávamos tremeu toda! Tem um móvel baixo com enfeites de cristal que pularam pro chão e quebraram quase todos! Madame Lola ficou impassível: não se mexeu, não chorou, não gritou, ficou observando quieta e com uma cara de bruxa! Fiquei mais assustada com a reação dela do que com o tremor em si, foi terrível! Depois de uns cinco minutos de horror, em que tudo tremeu e muita coisa veio ao chão, achei que tivesse acabado e comecei a recolher meus apetrechos pensando em ir embora. Então ela falou: “Onde pensa que vai mocinha? Vamos terminar direitinho o que estávamos fazendo.” Fiquei pasmada! Tinha tirado a cutícula de uma mão e faltava a outra, mas achei melhor guardar bem guardado o alicate e deixar aquilo para outro dia, já pensou tirar sangue da velha? Ela não deixou, me fez terminar a cutícula como se nada tivesse acontecido. Depois escolheu aquele vermelho sangue que ela gosta para o esmalte, e só no fim me deixou ir embora! Eu louca pra ir embora e ver o estrago! Bem, ao chegar em casa, a surpresa: todos os cachorros do bairro estavam no meu quintal! Não sei como entraram, mas o barulho era ensurdecador! Que dia!



## • A terra treme no casarão

Minha natureza me faz gostar mais da noite que do dia, de florestas sombrias, bosques e parques. Vivendo nos jardins da mansão da família Justino Severo, tenho que conviver com mais um dia recheado de artimanhas. Prenuncia-se o Outono. Copas frondosas mesclam-se furta-cores, verdes-alaranjados, amarelos-ferrugem, cumprindo o ciclo da Estação. As folhas caídas tingem o chão num tapete multicolorido.

Em pensamento, percorro uma floresta, uma floresta negra. Ouço o coaxar dos sapos quando saltam nas pequenas poças formadas pela torrencial chuva da noite anterior. Chimpanzés desordeiros e estrondosos presos pelas caudas pulam de galho em galho, brincalhões e sem pudor. Sinto inveja do bicho-preguiça a deslizar vagarosamente para ver com atenção o mundo passar calmamente do topo da Embaúba. Pássaros sonoros, aves das mais diversas cores e tamanhos voam ao léu. Onças-pintadas, leopardos... lembro-me da África do Sul. Elefantes enormes se aproximam como se quisessem esmagar-me sob suas patas. Temor instaurado, mimetizo-me entre as folhagens. Sairei dali com vida? Logo após, avisto leões famintos escondidos nos arbustos das savanas espreitando suas presas - inofensivas capivaras. Inútil quererem escapar à sanha destes destemidos reis da selva. Num ataque feroz, os predadores saem de seus esconderijos para darem o bote final. Quando as capivaras se dão conta

do perigo, fogem desembaladas na luta pela sobrevivência. Numa cena dantesca, são abocanhadas no meio da estrada. Mais uma vez, cumpre-se a darwiniana seleção natural das espécies. Que cena sanguinolenta! Que crueldade! Assim, é a vida na selva e assim, é a vida no Casarão. O retorno de Madame Lola após a festa suscita muitas conjecturas.

Devaneios à parte, não suporto mais aquela rede de intrigas e criminalidade entre as pessoas que ali habitam. Passagens secretas são descobertas. Que pensamentos confusos e obscuros. Anoitece. Retiram-se as estrelas que já não mais brilham. O jardim, agora escuro e cinzento, me oprime. Vivo num mundo-sombra. Canto o canto das corujas e, em seu eco, minha vida ecoa para o além.

De repente, sinto um tremor de terra durante infundáveis cinco minutos. Tudo se desorganiza, inclusive minhas ideias. O terremoto cessa. Aterrada, ouço o silêncio, o silêncio de novo, novamente o silêncio. Emaranhada na pálida escuridão, do que tenho medo? Da vida? Da morte? Das pessoas inescrupulosas que vivem neste inferno denominado *mansão*? Qual será meu destino? Terei livre-arbítrio para escolhê-lo? Estou paralisada diante da grande árvore com copas densas, verdejantes, que faz sombras aos meus pensamentos. Raízes bem sólidas, fincadas ao solo. No acinzentado caule, percebo minha imagem refletida. Atônita, olhos bem abertos, esbugalhados, pensativos. Naquela vastidão, minha imagem está ali refletida. Sou eu, Joy, a coruja que habita o Casarão. Nem percebo o tempo passar. O tempo. Amedrontada, por saber demais, no transcurso do tempo, mimetizo-me.

## • O casarão treme

Ágil, astuto.

Agora emocionalmente sensível, devido à longa permanência forçada naquele local insalubre, de onde saí assustado durante um inesperado tremor na casa, que deixou todo mundo desorientado. Tudo caindo!

Analisei as personalidades e atitudes estranhas, tóxicas, da vida familiar após o sumiço de Mme Lola. Ficou muito complexo, ilusório.

Meu tratamento será diferenciado para cada um, mesmo porque as verdades e fatos escondidos serão revelados após esse bilhete, que comentam ser anônimo, e do fenômeno inexplicável que me libertou e os tornou inseguros.

Restarão mais mentiras? Desculpas esfarrapadas? Dor na consciência? Falso controle? Acusações?

Sei quem enviou... Miaul?!

## Saída de cena

A vida na casa da Bisa tá da hora, até divertida de vez em quando. Tenho saudades da galera do Pallazio, meu pai faz uma baita falta, mas aqui não está tão ruim como eu pensei.

Tô curtindo muito o Yuri e a Joy. Isso é bom, porque brinco cada vez menos com o Ti, ele está ficando bem chato, pré-adolescente demais, como minha mãe diz.

O Yuri é um fofinho. A coruja Joy me trata super bem, amo demais ela! Pensar que eu morria de medo, fico até com vergonha, ela é mega gente boa (opa, é gente de asas, né?).

Mesmo assim, ando meio frustrado. Não tá rolando aquela coisa de falar com os bichos e as plantas da mansão. Tipo, conversar mesmo, só acontece com a Joy – afora com as pessoas, claro.

O que ela me responde quando pergunto por que não consigo falar com os outros seres da mansão me deixa ainda mais confuso:

– Joca, não foi bem isso que eu quis dizer, nem sempre a conexão é verbalizada, muitas vezes a intuição prevalece. E lembre-se, há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia.

– Nossa, Joy, o que quer dizer isso?

– Esta é uma frase célebre de Shakespeare, dita por Hamlet, e significa, entre outras coisas, que existem muitos segredos e mistérios que ficam acima da nossa compreensão.

– Ai, ai, ainda não entendi nada!

– Você tem o dom de falar só com alguns de nós. Mas, da maioria, pode, sim, captar os sinais e as pistas que seres como animais, vegetais e objetos transmitem. E que as pessoas comuns não percebem. Joca, você precisa prestar muita atenção e aprender a interpretar o que significam. Nem tudo é dito com todas as letras.

E não é que ela tem razão?

Parece que, em vez de conversar, estou é lendo o pensamento e os sentimentos desses seres estranhos.

Nem sei se ganho muita coisa com esse negócio. Tipo, do que pensa o Carrapicho não entendo nem a metade e o Yuri, tadico, é meio bobinho para o meu gosto...

O que continua me espantando de verdade é o que se passa pela cabeça de algumas plantas e móveis daqui.

Macabro, mano!

O ipê-roxo é hiperdividido, não se entende com ele mesmo. Tem flores muito lindas, alegra todo mundo, mas sinto que ele tem medo, não sei bem do quê. Tipo, não combina, acho que ele esconde muita coisa.

Aquele móvel metido, que chamam de dunquerque, é outro que deve ter algum segredo estranho, me arrepio todo quando passo por perto, fico super mal e logo saio dali.

E o homem do quadro da sala, então, esse parece que está vivo, tipo me encarando. Sinto que tem alguma coisa que não bate bem com ele, mas não consigo entender o que.

Estou tentando interpretar o que estão querendo me falar, tá difícil pacas, preciso investigar.

Mas tudo mela de vez quando vejo o cartaz que tem no shopping.

Do nada, apareceu uma frase mó estranha, dizendo que a vida é um palco, que as pessoas são atores com vários papéis, que entram e saem de cena e coisas assim.

Fiquei mega impressionado com essa coisa de “sair de cena”. Parece que é um enigma, uma maldição, fala sério!

Estou sentindo que isso tudo ainda vai dá ruim.

E de novo esse tal de Shakespeare! Dou uma olhada na internet e vejo que ele foi muito bom em escrever dramas, histórias com fim trágico.

Minha mãe falaria:

– E isso não te diz nada? Acha que é coincidência?

Minha resposta para ela:

– Credo, mãe, vira essa boca pra lá!

## Felinos feiticeiros

Vocês, humanos, nem percebem que Ayel e seu criador, o feiticeiro Pwyll, são a mesma pessoa. Minha missão aqui era conhecer uma família brasileira e foi-me indicada esta, de Madame Lola, por ser sui generis.

Ao me instalar neste recinto, na forma de um gato, procurei o melhor lugar para observação, debaixo da mesa da sala de jantar. É ali que se percebe o leve roçar de pernas a fim de chamar a atenção de um comparsa ou para iniciar um novo romance.

Com a minha vista tridimensional, consigo ler bilhetes trocados, ameaças, palavras de amor entre homens e mulheres ou pessoas do mesmo sexo, combinação de encontros ou de reuniões clandestinas.

Tenho outra missão a cumprir, precisarei estar presente ao Witchery Festival, em minha terra natal, país de Gales. Minha irmã, a feiticeira Ileana Mel, acaba de chegar para levar suas filhas Imelda e Izelda.

– Venha aqui, Kate Cute.

Ao toque das mãos de Pwyll, a gata se transforma em jovem de extrema beleza.

– Cá estou.

– Apresento minha pupila, aprendiz de grã-feiticeira, Katherine Everlasting Beauty. Aproveitaremos a vassoura em que está Ileana e partiremos todos para o Festival. Deixo aqui

um aviso, com meu poder de clarividência: visualizo entre vocês um terrível traidor ou traidora. Assim termino e me despeço com este discurso de adeus.

Pwyll e Ayel



• Parece uma pulga

Meu pretinho!

Vc encolheu! Parece uma pulga!

Não precisa ter medo

Eu te protejo.

Ah... Soraya

Como?

Chão tremendo, árvores ocas com casas dentro, trovões  
a toda hora.

Nem posso ir cavoucar o jardim.

Parece uma guerra. Sou pequeno, tenho medo.

Cadê a bruxa de três pernas de pau.

Ela, pelo menos, punha ordem nesta casa.

Está tudo confuso e estou perdido.

E já que virei uma pulga; FUI.

CARRAPICHO

## Reflexões

“A vida, visível e invisível, das pessoas nesta casa, se assemelha à dos felinos.

Somos amigos, artificiais, só fazemos o que nos interessa!

O grande desafio da minha habilidade de observação é em relação ao silêncio e ao estranho comportamento de todos.

Desconfiados, gentis, mentirosos, anormais...

Até quando?

Miauuu.”

## Fugindo de quê?

A estação Dom Pedro II é um marco da cidade de São Paulo. Desço as escadas e chego à plataforma. Madame Lola caminha a passos largos. Quando me vê, corre e sussurra ao meu ouvido:

- Me ajude, corro perigo.
- Fique calma, nada vai lhe acontecer.

A pressa dela é chegar a tempo no casarão.

Percorremos todos os vagões, decorações aprimoradas, lustres de cristais, estofados de veludo, janelas com galões dourados, passadeiras coloridas, todas em tons suaves.

O fiscal aparece e pede:

- Os bilhetes, por favor!

Ele olha e diz:

- Esta cabine de número oito já está ocupada.
- Alguém está usando nosso lugar?
- Bem, a senhora deve ter dado as chaves!
- Não, olha elas aqui na minha mão.

De repente, o trem dá um solavanco tão forte que a porta se abre e eu caio dentro da cabine número oito, atordoada, e vejo uma sombra pulando a janela.

- Quem será que esteve aqui?

Hoje a família foi convocada para uma reunião no casarão para definir que segredo é esse, quem está escondendo o quê. Madame Lola está fugindo por quê? E quem pulou a janela?

Volto para o início do trem. Tento achá-la, não consigo. Desanimada, olho para fora, e sabe o que vejo? Ela, lá no alto, dentro de um balão.

– Será que vai conseguir chegar a tempo?

## Um novo penteado

Não tenho pressa, não tenho culpa.

Ainda sou a criança sonolenta que desliza a lâmina da faca, primeiro pelo pescoço, abrindo profundamente uma solução, a única possível para o meu caso, por onde se desprende até o fim a continuidade do abuso, sob uma forma viscosa e quente, com cheiro de ferro.

Ele quase não acorda. Tosse, bêbado, engasga, para.

Sim, sou a criança que mata o pai e curiosa brinca de novas aberturas nesse corpo que já não ameaça, agora só serve a minha exploração, não como um bicho qualquer, mas um dos grandes. Abro. Mexo. Retiro. Aperto. Lambo. Sentada ao lado dele, num grande tapete líquido, somos sós.

Quero me entender com cada parte, fazer as pazes com o que sempre me deu medo. O novo cabelo que arrumo nele todo colado para o lado esquerdo, bem rente, quase um tecido preto e lustroso sobre a cabeça ossuda, pra ele parecer menos indecente, se num domingo, voltarmos à igreja. A barba também está feita, mas confesso, não muito boa. Os pés são mesmo horríveis, com calos que desfiavam as meias.

Já é quase noite de novo e me distraio com as moscas. Voam, pousam, também lambem as patinhas. Então, a porta se abre e vejo os olhos de cão vermelhos se acenderem num rosto de mulher, uma beleza, um encantamento.

Venha comigo, ela diz, me chame de Madame Lola, venha.

Decido que não voltaremos juntos à igreja.

Quando a lua envelhece em escorpião, é sempre perigoso.

## • Tempo de Correção

Ando tão ressabiado, andando de lado, pensamento em círculos, sem saber muito bem o que fazer. Para que mais serve uma partida anunciada, senão para o tempo das correções. Há madrugadas em que não amanheço, sou alçado da cama pelo guindaste da urgência, constante em todos os dias recentes. Este é o tempo da correção e o imperativo de seus ditames. Atravesso o imenso jardim do casarão pelo acesso dos fundos e rumo à casa de Madame Lola. Assim gosta de ser tratada, para lhe garantir o conveniente distanciamento entre as pessoas; mesmo com os membros da família. Hoje, entretanto, não haverá espaço para impessoalidades e o efeito surpresa vai lhe tirar o chão dos pés. Assim desejo estar com ela, desarmada, na redoma impenetrável de códigos que há entre mãe e filho. Titubeio nos passos ao ver Estamira com seu uniforme azul-marinho, cabelos ocultos pela touca, saindo do seu cubículo a poucos passos do ipê-roxo. Escoltada pelos gatos, adentra a cozinha. A mesma menina de ar introspectivo e olhos arregalados daquele fatídico dia; só que agora moça feita. O que lhe falta em força física sobeja na aura esotérica de quem sabe perscrutar mentes, sondar o oculto e afugentar sortilégios. A influência de Madame Lola imprimiu-lhe traços irreversíveis na personalidade. Sempre acomodada, quase amordaçada pela rotina dos hábitos, cuja imprecisão se faz ditar pelo mandonismo imprevisível da patroa. Uma fiel escudeira.

– Estamira?! Os olhos arregalados, dois passos atrás, até encostar-se à borda do fogão, as mãos contraídas torcendo o avental atado na cintura.

– Bom dia, doutor Justino, o senhor aqui, já tão cedo?

– Há quanto tempo você vive nesta casa?

– Dezenove anos, senhor.

– Tempo suficiente para fazer parte da família.

– Desculpe, senhor, não estou reclamando, mas se eu fosse da família não dormia do lado de fora do casarão.

– Ah! Aquele cubículo que mais parece um calabouço; Lola vive com a mente presa num tempo medieval, resiste em se adaptar à mudança dos costumes. Além do desconforto, o que mais lhe incomoda?

– A incerteza, senhor; tenho pressentimento que um tempo de mudanças está por chegar. A vida da madame saindo pelos dedos... Quando ela não estiver mais nesta vida quem vai cuidar de mim?

– Errou o alvo, Estamira, minha mãe vai sobreviver a mim, o fiapo de vida se esvaindo é o meu. Além do que, não é ela quem cuida de você, este tempo da infância ficou lá atrás, já há muito você retribuiu a acolhida. A cuidadora aqui é você, a necessidade é só dela. Quem mais vai suportá-la? Como anda o humor dela, por estes dias?

– Anda alvoroçada, doutor, muito alvoroçada.

– Vou subir. Prepare mesa para três, a partir de agora você toma café com a família. Tento estampar meu melhor sorriso, minha mãe não suporta ser surpreendida pela manhã, só se permite ser vista já paramentada com todos seus artifícios de juventude eterna.

– Mas que invasão é esta antes de eu estar composta, só se for motivo de vida ou morte?

– De ambos, minha mãe, ambos. Vamos tomar café, juntos, e ajustar uns parafusos soltos.



– Lá me vem contrariedades...

– Talvez não, pense pela perspectiva da reparação, temos sido cúmplices em coisas que nenhum de nós quer carregar para o túmulo, embora você se ache imortal.

– Meu filho, não me venha atormentar com a cantilena exaustiva do passado, não aprendeu minha primeira lição: arrependimento é para os fracos, deste mal você não morre, deste mal não morro também.

– Aprendi e entrei na exigência do desaprender. Herdei o que você tinha de pior e nos assemelhamos nos erros, mas não estou falando de delitos, estou me referindo a crimes. Há um cadáver embaixo do pé de ipê.

– Ora, não me venha desenterrar os mortos. Não fomos nós que o matamos; pelo menos, não este.

– Você sabe que a menina era inimputável, era e continua sendo, i-nim-pu-tá-vel. Já ocultação de cadáver é crime. Como julga que Estamira se sente morando naquele calabouço em frente à ossada do pai?

– Sente gratidão, isto é o que ela sente por mim, *gra-ti-dão*. Eu criei a menina!

– Você não “criou a menina”, fez dela sua criada.

– Era órfã infratora, devia ter mandado para um reformatório, entregar para o Estado?

– Se nunca cogitou adoção, devia ter sido tratada com direito a oportunidades. Cresceu aliciada por suas bizarrices, fez dela aprendiz de feiticeira, amordaçada por uma dívida que não pode pagar.

– Ela é alfabetizada, pega livro da biblioteca para ler, tem rádio, televisão no quarto; o que mais você quer?

– Quero Estamira dentro de casa, alforria, deixar de ser tratada como sua criada. Se ela é sua fiel escudeira, tem que ter regalias.

– Acabou o sermão?

– Não. Tô só começando... Preciso de sua ajuda, tenho pressa para corrigir certos erros; é sobre a manicure e a irmã dela.

– Bernadete? A esta hora da manhã você desentocando segredos de alcova; já não basta desenterrar mortos, quer trazer de volta as estripulias que fez com a braguilha aberta?

– Berenice, esta sei que é minha filha, ajudei no passado de maneira superficial, nunca assumi a paternidade porque não me convinha. Receio que Bernadete também possa ser. Preciso corrigir esta omissão enquanto é tempo.

– Corrigir?! Você ficou louco, quer rasgar sua biografia? Um homem pertencente à Sociedade Tradição, Família e Propriedade, com direito ao uso do brasão da associação, vai agora enlamear seu legado com estes acertos de conta que não estão sendo reclamados.

– Disse muito bem, minha mãe, não estão sendo reclamados; no entanto, são direitos e, se os quiserem, é meu dever reparar. Investiga para mim, você tem seus arautos e eu tenho pressa.

– Já pensou na reação dos seus filhos legítimos?

– Já pensou no interesse das ilegítimas?

– O envelhecimento anda lhe amolecendo os miolos, deu para sentimentalismos baratos. Se quiser colocar o trem nos trilhos, comece por encurtar as rédeas da sua mulher.

– Say? O que você sabe que desconheço, além da implicância explícita entre vocês duas?

– A desaforada sempre foi ela, de filial virou matriz e subiu nos saltos; você, se rastejando pela juventude dela, não soube impor limites.

– As regras do jogo sempre foram claras, Madame Lola: Say nunca foi do lar, é uma borboleta com grande poder de sedução; por onde circula, desperta inveja, comentários; mas na sociedade exhibe sua classe e isto me convém.

– Pois, andam dizendo coisas por aí, que seus ouvidos não querem escutar. Ela é dada a caçadas à luz do dia e voos noturnos arregaçando as asas de mariposa por onde não deve, anda lhe expondo ao ridículo.

– Mãe, se estes ruídos chegarem mais perto, ela não perde por esperar. Se Say esticar a corda, vai regredir à fase de lagarta. Meu testamento está em período de feitura; a régua de medição usada é aquela, aprendida, na prática do ofício de corregedor. Esta missa rezo em latim.

CORIOLOANO

## Entre irmãos

Naquela tarde de sábado, quando entrei na mansão de minha mãe, Madame Lola, encontrei o irmão Justino. Seu braço direito estava enfaixado. Olhou para mim com aquela cara de desprezo, de cima para baixo, exclamando:

– Chegou o grande intelectual da família, o tocador de flauta.

– Clarinete.

– Flauta, clarinete, apito, é tudo a mesma coisa. Tem que assoprar.

– Falou o único dono da verdade universal. Mas o que aconteceu com seu braço?

– Ah, acidente de trânsito.

– Dói muito?

– Não é nada, vai ser até bom. Vou receber uma indenização do fulano que bateu no meu carro e outra do seguro. Show de bola, como dizem hoje em dia.

– Nada como saber das coisas.

– E você, Cório, já escreveu outro livro?

– Não. Parei.

– Por quê?

– Descobri que nesse negócio o editor ganha, o revisor lucra, até o fabricante de papel leva vantagem; só o escritor, bem, o escritor...

– ... se fode, né? Quase ninguém mais lê, e apenas os eletrônicos.

– Mas você tem uma obra publicada, é um autor.

– Sim e não. Dei uma série de entrevistas a um jornalista e ele fez um livro disso.

– É, Justino, você nunca foi de ler ou estudar muito, me lembro da nossa infância. Eu gostava de Júlio Verne. E você, se recorda de algum livro?

– Até que tenho um na memória.

– Ah é, qual o assunto? Aventuras, lutas, lendas?

– Não sei.

– E o autor, quem era?

– Não sei.

– Como então?

– Deixe me explicar. Se lembra da grande mesa da sala de jantar?

– Claro, mas o que tem isso a ver?

– É que um dia resolveram mudá-la de lugar, e ela ficou balançando. Aí, na perna manca enfiaram o tal livro e resolveram o problema.

– Isso é que eu chamo de literatura equilibrada. E por falar em mesa, você vai jogar bridge hoje, Justino?

– Eu não. É muito chato. Ainda se fosse truco ou pôquer. Mas o médico me proibiu jogos de cartas, para evitar emoções.

– Então, quem vem?

– Minha mulher e um casal

– A Soraya?

– Sayonara.

– A qual, aliás, é elegantíssima. Parabéns.

– Hoje ela é mais enfermeira do que esposa, mas tudo bem. Você deveria casar também, Cório, fazem uns vinte anos que está sozinho.

– Trinta.

– Só porque não deu certo com a Rita

– Ah, Justino. Com a mãe que nos temos e as mancadas da minha ex, desisti de vez. Mulheres. O pior é que ainda me emociono quando penso naquela garota dos cabelos ruivos chamejantes. Nunca mais a vi, onde será que anda a Rita?

– Ouvi dizer que foi a Portugal.

Naquele momento, entra a Sayonara e duas outras pessoas. Quando vejo a mulher do casal, quase desmaio. Aqueles cabelos ruivos chamejantes...

## • I Ching

Assim que Madame Lola soube do meu dom, marcou um horário. “Prefiro que seja no meu casarão”, requisitou. É verdade que tenho visões, elas acontecem a partir do instante que a consulente desliga o telefone. Digo que faço atendimento espiritual, sou terapeuta holística, xamã aprimorada na Amazônia, leio o I Ching, mas tudo como fachada. Sei porque sei sem nenhuma explicação. É destino ser procurada para prever o futuro de pessoas que, mesmo com todos os diplomas e dinheiros, continuam cafonas. Essa tal de madame e todos os que moram no casarão, a não ser os gatos, acreditam que não existe problema que dinheiro não resolva, nem solidão que não se aplaque. Uma pseudo-finesse de empréstimo. Mas naquela família sinto algo além, ouço o som de atabaques, vejo o vapor das poções, magias que espremam o fígado como uma dança de cipós. A única solução será cortar o mau pela raiz, mesmo assim ficarão cinzas como miasma.

Conheço bem esse mundo porque nasci nele, rua Polônia, enxoval em debruns e rendas, berço em quarto arejado, cortinas de voal e, na criança que dormiria ali, ninguém tinha pensado. Nasci numa terça-feira, dia da moda na época. Minha mãe se vangloria de ter aproveitado a ocasião para fazer uma plástica de períneo e ficar como antes e acredita que sempre será. Repete essa história em qualquer ambiente

e, sem qualquer filtro, alardeando, “por lá minha filha passou, agora não entra mais”.

Por não ter uma profissão aceitável, fui banida da família. Ali não sobra um para remédio, todos autênticos lordes de araque.

Sou conduzida até uma sala verde-limão, onde um afresco em ramagens de delicadas flores, faz toda a volta da sala, os tapetes sobrepõem orientes emudecendo meus passos. Talvez, se não fosse quem sou, ficaria deslumbrada com tanta ostentação. O mundo da minha família é semelhante a este, tapetes com milhares de pontos *inch*, escovas de madrepérola, pratarias, toalhas e lençóis bordados. Por onde meus olhos correm, reconheço a insensatez do acúmulo. A vaidade resistindo à manivela do tempo. A governanta aponta a mesa de jogos perto da janela, sem entender a minha admiração ao dunquerque que divide o ambiente de sofás. A porta volta a se abrir e Madame Lola surge num caftan de seda azul. Vem andando com dificuldade, apoiando-se numa bengala com cabo de prata. Minha boca se enche de saliva, é a confirmação que o demônio ronda, logo mais saberei o porquê estou aqui.



## Revanche

Eu sempre fui boazinha não é? Pois agora acabou. Sou compreensiva, não é? Pois não serei mais. De hoje em diante, deixo de ser a manicure simpática e boa ouvinte e passo ao papel que fez abraçar esse trabalho: a de filha de Justino Severo, o grande corregedor geral do Ministério Público que não respeitou os mais fracos, nem as mulheres, e foi irresponsável a ponto de semear frutos e espalhá-los pelo mundo. E já soube que somos muitos.

Depois do exame de DNA de Berenice, minha irmã, comprovando ser filha de Justino, fui buscar o meu no laboratório. Resultado: tenho tanta semelhança genética com ela que há 100% de chance de ser filha do mesmo pai. Então vou querer o reconhecimento oficial, a certidão de nascimento corrigida e atualizada, e a minha parte na herança. E não pensem que não sei fazer contas. Nessa última década aprendi direitinho a cobrar todos os meus direitos, inclusive com o próprio Dr. Justino. Sem saber, o grande sedutor me enumerou as leis que me protegem e até o nome de um advogado especializado nessa área do direito. Mal sabia que eu perguntava sobre o assunto pra exercer os meus direitos contra ele, dizendo que uma amiga de faculdade havia sido enganada desde o nascimento por um pai milionário, mas omisso. Ele me passou o beabá jurídico de mão beijada e, por que não dizer, mão com lindas unhas que eu mesma esmaltei.

E o fato de minha irmã ser oligofrênica não vai tirar nenhum direito dela, não. Esse advogado vai levantar nossa parte com precisão, e provavelmente vai me nomear tutora dela, já que não temos pai e mãe. Quando minha mãe me contou toda a verdade, assim que meu pai morreu, não podia imaginar o fogo que plantou em mim, de raiva e revolta por desconhecer minha origem. Mas tudo isso vai ser cobrado desse homem execrável, um verdadeiro pequi roído. Até evitar os atrasos no processo judicial ele me ensinou. Anotei todas as dicas em arquivo precioso que guardo a sete chaves. Se eu morrer de repente, seguro morreu de velho, minha irmã será representada por um tutor que o Estado nomeará, e a minha parte será doada a uma ONG que protege adolescentes grávidas. Ele não poupará nenhum tostão. Aliás, estou acompanhando sua doença mais do que ninguém – ele me conta tudo, sem ter noção de quanto me ajuda e me estimula a ir atrás dos meus direitos – e por isso resolvi antecipar algumas ações. Me aguardem.

## Fogo!

Sorrateiramente passeio sobre o lindo móvel dunquerque. Esbarro numa pilha de papéis que caem no chão, perto daquele chá gostosinho, que me ofereceram num momento gentil.

Madame Lola, ao pegá-los, grita e chama atenção de todos que se encontram na casa: moradores, amantes, interesseiros, manos, animais e visitas que se aproximam rapidinho. Ali discutem, choram, alguns disfarçadamente, e agradecem aos céus, até Dr. Justino chegar.

Algo com ele.

O efeito sobre o meu ato vem em seguida: afagos, tapinhas, vários chega pra lá, passa!

Farejo algo estranho no ar.

Como estão todos reunidos na grande sala, discutindo aos berros, funções importantes foram deixadas de lado. Sendo a cozinha uma delas.

Talvez, daí, o cheiro esquisito e a fumaça.

Fogo! Fogo! Grande confusão.

Quase atropelado, corro sem rumo.

Miau, miau, miau...

JOSENEIDE

## Por um triz

Detesto quando Madame Lola me transforma em delivery particular. Perdi metade da manhã e com minhas descobertas preciso agir logo, pois doutor Justino não dura muito. Volto agora, depois de demorada compra no supermercado e uma insuportável fila no caixa. Mas se ela pensa que eu ia carregar todo aquele peso, está completamente enganada – mandei entregar e incluí a despesa na nota.

Sou uma arrumadeira gabaritada, ciente das minhas qualificações. Será que posso processá-la por desvio de função? Mas o que estou dizendo? Com o que descobri, tenho em mãos tudo de que preciso para mudar meu destino. Quem diria que no fim da vida o doutor Justino iria escrever um verdadeiro diário autoincriminador? Talvez nem ele saiba o alcance de tudo o que colocou no papel.

Para quem vive como ele viveu abertamente, o que está nessas memórias que peguei é bem coerente. Desde moço aprontou muito, deu trabalho aos pais – será que souberam que ele engravidou a empregada, Lucia Moura dos Santos? Coitada, acreditou que ele se casaria com ela. Não casou, jamais casaria. O pai, que tinha medo de que ele fosse convocado para o exército, apressou o casamento com a namorada recente, moça bonita e de boa família. A princípio Justino ajudou nas despesas com o bebê, mas com a chegada dos filhos legítimos abandonou gradativamente a filha bastarda.

Tentou se redimir mais tarde, mas a ex-amante estava internada num manicômio. Os parentes disseram que a menina tinha ido para um orfanato e depois tinha sido adotada.

Caminho absorvida em pensamentos e de súbito noto grande alvoroço à frente, sirenes de carros de bombeiro, polícia. Viro a esquina e vejo a mansão em chamas. Mais adiante os moradores na calçada do outro lado da rua, Carrapicho todo chamuscado no colo de Estamira, olhos enlouquecidos, mostra os dentes e dobra a pata repetidamente; Yuri uivando em rodopios e contido por Joca, rosto abobalhado; Sayonara, vestido amarelo-medo – carta de baralho enroscada no cinto – sapatos-trapézio dourados, lábios esmeralda apartados pelo estupor, crava a unha-bruxa azul-fogo no braço do marido; Liva, em transe, saliva uma cachoeira espumosa em meio a palavras desconexas. Alguns jardineiros ainda correm e saem rumo à segurança. Uma ambulância recolhe alguns vultos cambaleantes, entre eles Maninho, que tateia os troncos das árvores e segue o som da multidão para escapar da morte. Há um cordão de isolamento que não consigo furar. Corro pela rua até alcançar o muro baixo longe do controle dos guardas. Pulo rápido, sigo até a edícula. A fumaça não me turva o pensamento: preciso retirar os papéis do meu quarto.

Uma tonelada me sai dos ombros ao ver que as chamas não atingiram ainda o entorno da casa deste lado. Escancaro a porta, levanto o colchão e pego a pasta onde repousa meu futuro. Caminho ao longo do jardim e escapo. Preciso agir imediatamente. Estou um passo à frente do moribundo patrão: só eu sei que ele é meu avô.

### Xeque-mate

Bato na porta com força.

– Quem é?

- Abra, Clayton!
- O que houve?
- Chegou a hora. Um incêndio está destruindo a mansão. Rápido, entregue esta carta no escritório. É possível que o monstro esteja tentando fugir. O rei está encurralado e vai pagar pelo mal que causou à minha avó e à minha mãe. Com minha avó foram anos em que luxúria e abuso se confundiam; com minha mãe o abandono, que nem o orfanato nem a adoção cicatrizaram e a levou às drogas. Não se trata de mais um golpe – é olho por olho, dente por dente.

### O rei cai

- Dr. Justino. Dr. Justino!
- O que foi?! Já chamaram para o embarque!
- Chegou este documento confidencial e urgente - ainda bem que o alcancei.
- Seria despedida se não chegasse a tempo, sua inútil!

Dedos e lábios trêmulos, ele compreende tudo:  
...assim, na certeza de que não deseja que nada aconteça a nenhuma pessoa da sua família, de quem, como pode ver, conhecemos toda a rotina, damos o prazo de dois dias para deixar o dinheiro no local indicado.

## Expediente no submundo

Caminho dois passos à frente da camareira. Sobre minhas costas, o peso de sua desconfiança e a aceleração de seus batimentos cardíacos me impelindo a aumentar a velocidade da marcha. Não nos dirigimos palavra, depois de eu ter dito que ela estava sendo aguardada e que me acompanhasse.

Os labirintos subterrâneos de Madame Lola são fascinantes, uma representação do mundo superior onde se instauram coordenadas em que tudo se encaixa, numa atmosfera que nos é familiar, abrindo ou fechando passagens; aqui, o que tende a prevalecer é a força das mutações e as lembranças revitalizadoras do tempo em que mulheres eram temidas por sangrar sem morrer, mais que isso, regenerarem-se a ponto de gerar vidas.

Seguimos em direção ao local escolhido e a alguns metros da porta já nos penetram os odores aromáticos que minha senhora queima lá dentro, as mesmas plantas mágicas desde o medievo, uma receita retirada do *Malleus maleficarum*. Colhi e preparei as ervas como sempre faço para essas ocasiões, as da infusão e as da defumação. Deixei a mesa preparada e a ajudei a se acomodar, antes de ir buscar a convidada. Ao retornar ela me pede, do alto de seu lugar, que eu as sirva e me retire.

Carrapicho se materializa sedento pelo chá que também aprecia e bebe quente, antes mesmo que a arrumadeira crie

coragem de saber a temperatura da xícara. Minha senhora tem o dedo indicador passado por dentro da asa da porcelana, encaixada como um anel. A xícara pousada na palma de sua mão, enquanto sorve o líquido esverdeado a bicadas e lê a ousadia da outra, sentada à sua frente.

Saio sem precisar ouvir o que será dito, sei do que tratam.

Percorro o caminho de volta pensando na massa vermelho-alaranjada vibrante, com halo azulado, que vejo cada vez maior, na cabeça do doutor Justino. E na amnésia temporária que o chá irá provocar no gato.

Bem acima, Vênus e Netuno estão em conjunção, disponibilizando talentos ocultos para que velhas crenças sejam ultrapassadas e medos sejam compreendidos. O caminho está em mim.

Uma gota fura uma rocha caindo não só duas vezes, mas muitas; assim também, uma mulher se faz esperta não só lendo dois, mas muitos livros.



## O contido será libertado

Nasci numa terça-feira, depois de uma cesariana com hora marcada. Minha mãe ainda se vangloria de aproveitar a ocasião pra fazer uma plástica de períneo e ficar como antes e sempre será. Como a me dizer, por aqui você passou, agora não entra mais. O mundo que ela vive é semelhante a esse, tapetes com milhares de pontos *inch*, escovas de madrepérola, pratarias, toalhas e lençóis bordados. Por onde meus olhos correm vou reconhecendo a inutilidade do acúmulo. A vaidade girando a manivela do tempo.

Depois de cumprimentar a senhora, coloco à mão o livro do oráculo e as três moedas que ela vai jogar como se fossem dados. Olho novamente para Madame Lola, vejo a ironia desenhada nos lábios. Apesar da empáfia, madame quer perguntar. Nessa hora me olha quase vulnerável.

- Conte, mon chérie?! Liva, não é?
- Sim – eu concordo.
- Me disseram que entende dessas coisas.
- Verdade.
- É com isso aí? ela fala olhando o livro sobre a mesa.
- Sim, o oráculo é um meio de chegar às previsões.
- Sei...
- Acredito que não saiba que a arte de jogar o I Ching é

mais sutil que a do tarô. As respostas navegam por brumas, não podemos fazer perguntas diretas de sim e não.

– Não acredito que vou ter que pagar por suas poesias... me diz Madame Lola com escárnio.

– Existe algum problema com a poesia?

– Vamos lá, o negócio aqui anda nebuloso, nada anda, um monte de entraves. Como é mesmo que tenho que fazer?

– A madame pode pedir conselhos e, se estiver absolutamente concentrada, sou capaz de contar o que um futuro lhe reserva.

– Jura?

– Sim, é possível.

– Veja aí um conselho com relação ao meu filho Justino, então.

– Jogue seis vezes as três moedas. Pense no seu filho enquanto isso.

Madame Lola não consegue esconder a excitação à espera de boas respostas, coça o nariz, se ajeita na cadeira. Quem diria que essa mulherzinha sem escrúpulos, que engole somente pra matar o broto, esteja com esse olhar de cachorro sem dono.

– Oito na primeira posição, sete na segunda.

– De onde você tira esses números? ela me pergunta.

– Melhor a senhora se concentrar, eu explicarei logo mais. Vamos lá, só mais quatro jogadas.

A cada vez que ela chacoalha as moedas, sinto a força dos enigmas conspirando, o vento da mudança fazendo redemoinho e destrancar o que tem que acontecer.

– Sete na sexta linha. Você pode ver, madame, esses traços que faço depois que as moedas caem na mesa? Correspondem à soma dos valores de caras e coroas, esse gráfico é a resposta.

– Como assim? Pergunta ela nervosa.

– São sessenta e quatro possibilidades, chamados hexagramas, e em cada um deles, seis desdobramentos.

– Complicado.

– Deu hexagrama 47, ADVERSIDADE. Seu filho vive uma situação de confronto. Dolorosa.

– Eu desconfiava.

– Como disse, o I Ching é um oráculo sutil. Não quero trazer pânico ou confusão, sou apenas a pessoa que abre o caminho e dá os alertas.

– Odeio meias palavras, pode ser mais clara?

– Sei que não é fácil entender, mas digamos que o oráculo fale baixinho. O que as moedas estão cochichando aqui é que foram palavras não adequadas, palavras ditas por Justino ou por alguém com o objetivo de feri-lo. É o que está no centro da questão.

– Diz que palavras são?

– Não é tarô, é I Ching e é jogado há mais de dois mil anos na China.

– Esse seu “o-que-seja” é muito evasivo.

– Eu não estou brincando, senhora. Diz também que a raiz do erro está na família. Mas o oráculo dá uma saída.

– Uh la la, finalmente algo razoável de se ouvir.

– Humildade, exercer a humildade e o desprendimento – completo, já sabendo que para humildade não há registro.

– Esse negócio é muito zen pro meu gosto.

– Se não quer continuar, posso ir embora.

– Vou perguntar só mais uma vez antes de perder a paciência. Fale do casarão.

– Jogue seis vezes e não esqueça de se concentrar no que deseja saber.

– ...

– Hexagrama 40, LIBERTAÇÃO, o oráculo diz, vou ler exatamente como está no livro: “o contido será libertado,

charlatões apanhados e pessoas de má fé arderão no fogo do inferno”.

– Então quer dizer que o enrosco se resolve?

– Sim, certamente.

– Gostei do que o tarô disse, ele acaba de me tranquilizar. Apesar de decepcionada com você querida, isso que você fez, até eu. Por hoje chega, não é mesmo? – ela fala já tocando a sineta para chamar a governanta.

– A única coisa que não saberia explicar, Madame Lola, é o que o I Ching quer dizer por LIBERTAÇÃO.

– Se for pra me livrar de estorvo, está tudo ótimo!

– E só uma curiosidade: se tem gatos na casa, posso saber o nome deles?

– Por quê?

– Porque adoro gatos.

– São dois, Carrapicho e Ayel.

– Gostei de saber, até mais ver, madame.

Os gatos, assim como eu, sabem que foi por rondarem o casarão que tudo aqui ainda está de pé. A partir de agora nem Carrapicho nem Ayel, o mundo da família Severo é por um triz.

## • Cenas do inferno

Meu deleite físico e espiritual é satisfazer o gosto pelo belo e prazeroso.

Gosto do meu corpo e tento sentir o máximo prazer. Sem preconceito, muito desprendimento. Sou assim, e daí?

Se estou na fazenda, passear com Níquel pela manhã, sentir os campos úmidos ainda com o orvalho em suas folhas. Precisa se exercitar, agora que não compete mais, assim eu o levo para conhecer cada canto de minhas terras. Por que faço isso?

Para que ele tenha a exata dimensão do espaço onde vive. Mente sã, corpo são.

Visito a casa dos caseiros que toda vez insistem para que eu tome um café, oferecem uma beterraba ou maçã ou cenoura para o Níquel e água, muita água.

– Sr. Fernão, Dona Sayonara já ligou umas três vezes. Quer falar com o senhor, diz que é urgente.

– Ligou? A essa hora? O que será? “Só liga para contar alguma novidade, ou será que aconteceu alguma coisa?”

– Não sei, senhorzinho, ela não disse nada, a voz estava estranha.

– Melhor voltar logo, não sem antes provar esse café delicioso.

“Será que soube das meninas? Não acredito.”

– Obrigada, estava uma delícia. Quem é o rapaz?

O filho do casal aparece e com um sorriso aberto diz seu nome:

– Bento, senhor Fernão.

– Nossa como cresceu. Já trabalha aqui com seu pai?

– Já, sim, senhor. Planto e participo da colheita de café também.

– Muito bom, outra hora conversamos melhor, agora preciso ir. Tenham um bom dia.

Impressionado com a beleza do rapaz, pensa: “Bem abaixo do meu nariz um deus da África.”

Tumulto interior, tumulto exterior.

– Fogo? Como? Onde estão todos? Não, ele não veio para cá! O que faria Justino aqui na fazenda? Você tem cada uma! E os bichos?

“Onde aquele infeliz deve estar? Só pensa nele e na matrona. Onde foram parar os gatos, cachorros e sapos? A Coruja, que não é boba, deve ter voado pra longe!

Onde estará Justino? Com alguma das mocinhas que costuma frequentar, ou aumentando sua dívida apostando nas corridas de cavalos? Eu sei, ele sabe que sei e me odeia por isso.

Aqueles pobres desgraçados que jamais exerceram a própria vontade, sempre à mercê do filho e de Madame Lola.

Sem nada a perder do que um corpo humano. Quais as altas virtudes de todos os habitantes do casarão? Aos que se vão a perda da consciência terrena e que muitas penas lhes sejam apresentadas!

Para quem eu era um pervertido, o que gostaria era ver Justino e sua mãe arderem no fogo do inferno!

Vermelho, ruge, carmim, preto, cinza e restaram cinzas que brilham em minha mente!”

## • Vida de Borboleta (verde-borrvalho)

Um casarão revestido de ardósia-xisto não se entrega fácil. Há a madeira como contraponto, é ela que dá a matiz amarelo vivo ao fogo que já há algum tempo consome varandas e janelas. Mas tenho por mim que o casarão permanecerá em pé, com Lola dentro, sozinha. E penso ver Justino, ou a sombra dele, insistindo nos escombros – Justino adora declives e, soprando cinzas das ossadas, irá se distrair do fogo-metástase que incendeia suas células. E me chamará, e faremos um amor-Maninho, carnal, enfim verdadeiro, faiscando borralhos.

Mas Justino já se foi. Ele está no céu, voando baixos desejos, falcatruando; não sei bem o que é, mas pressinto, é coisa decadente, J.S. não vai segurar a onda da mortalidade, agora que já sabe a data de validade da própria existência (e não sabemos todos?).

E chega de pensar em Justino enquanto o casarão arde em fogo lento. Cá fora, sobre um salto oito e carregando nove cabides, é bonito de se ver, e procuro Fernão em algum reflexo marrom nas caras-coroas abduzidas pela fumaça. Ele não estava no casarão, ele ainda não retornou de seus cavalos eternos, sinto falta de nós. E o fogo segue, agora acenando amarelo.

Fecho os olhos. Maninho, se estivesse aqui, saberia caminhar nas chamas sem se queimar. O crepitar é música, Mada-

me Lola já adivinhara tamanho alumbramento? As lagartas rebolando chamas, um cheiro de mato-carne queimados, Estamira descoando chás. Estamira, Mira...

Ouçó uma sirene e abro os olhos. Algo rebrilha no fundo do palco enfumaçado, dois faróis pequenos, olhos-Carrapicho me avisando que talvez seja preciso salvar alguém. Então me lembro de Rapunzel. Mas não! Eu a ensinei, ela não espera beijos molhados de incautos, ninguém a derrubará do altar. E só agora me dou conta, sim, certamente: Rapunzel, profética sarça ardente, cansada da mesmice, resolveu colorir de vermelho-imortal a vida de todos.



## Fogo que redime

Hoje é véspera da reunião marcada para um destes encontros em que todos os interessados de alguma forma saem feridos. A retrospectiva de uma longa história revista e revisada com uma teia distópica entre tangentes e paralelas, que mantém meu espírito aprisionado a fatos e pessoas, rondando-me como fantasmas. A percepção da finitude descortina-me a mente perscrutando o passado, aguça a voz da urgência e o senso de reparação. Documentos, provas, testamento dispensam perguntas inúteis. Vou atrás deles. Para um homem em fase terminal o tempo é imperativo e não há espaço para rodeios, mas ainda cabe o pragmatismo para organizar o próprio funeral. Cresci, vivi com perfil de protagonista, não pretendo ceder esta tarefa para o descuido dos incautos. Como se eu já soubesse de antemão o depois que viria acontecer. As coisas vistas hoje, de onde as vejo, colocam-me no cenário de um tribunal; minei mentes e confundi corações, incinerei direitos e afoguei deveres. O altar da minha religião anuncia-me o escrutínio do julgador. Acordei com uma sensação incomoda inundando-me as narinas e os olhos, incandescendo pelo estrondo de uma explosão. Um dos benefícios da velhice é nos libertar da paralisia da superstição. Sigo a agenda traçada e me dirijo para o hangar.

MADAME LOLA

## Livro mágico

– Venha, Estamira. Deite-se na minha cama, sob meus pés para que minhas pernas não inchem. Vou te ensinar uma magia que falta em sua formação.

– Está bem, Madame Lola.

– Preste atenção: numa casinha branca, lá no Sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando: “Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...” Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadoras das netas: Lúcia, a menina do nariz arrebitado, ou Narizinho, como todos dizem.

– Que livro estranho, Madame Lola. Para que serve?

– Para ressuscitar crianças. Agora, cale-se e ouça.

– Ouça, Madame Lola. Acho que a casa está pegando fogo.

– Sim, está, mas não se preocupe. Eu não morro queimada, nem você. Só morreremos quando retirarem o coração de nossos corpos.

– Estou com medo, Madame Lola.

– Vou te ensinar a mágica de uma grande bruxa. É a mágica do faz-de-conta. Faz-de-conta que não há fumaça no quarto. Faz-de conta que o fogo não consegue chegar até aqui. Faz-de-conta que o calor do incêndio esfriou.

– Nossa, Madame Lola, se não visse, eu não acreditava.

– A bruxa que me ensinou essa mágica foi transformada numa boneca de pano. Ressuscitou, mas sua carne e ossos já tinham sido destruídos, então continuou vivendo como boneca, para todo o sempre. A história dela está neste livro, Reinações de Narizinho. Continue a ler. Agora precisamos ir ao jardim, o galo cantou, significa que um dos meus filhos morreu. Separe o vestido negro e o véu. Ele será enterrado amanhã, nas catacumbas.

JOSÉ JOAQUIM DOS REIS

## O inferno está em festa

Segundo registros da Infraero, o Monomotor CESSNA 210, matrícula SP-37, decolou do Campo de Marte – IATA, na cidade de São Paulo, com destino à Base Aérea de Santos – BAST, localizada no distrito de Vicente de Carvalho, município do Guarujá. A aeronave era pilotada pelo Tenente Mourão C.A., considerado profissional experiente na aviação comercial. As condições de navegação, para o dia, mostravam-se excelentes. Por volta das 9h25, foram detectadas as últimas imagens do monomotor, que explodiu em alto mar, próximo do litoral da Baixada Santista. A bordo se encontrava o ex-Corregedor do Ministério Público de São Paulo, aposentado, Justino Severo de 72 anos, patriarca de família numerosa.

Seria hipocrisia minha, José Joaquim dos Reis, jornalista, se eu dissesse que estou triste. Muita gente também ansiava por esta notícia, que era esperada a qualquer momento. Segundo apurei, ele estava condenado por doença incurável, fazia tratamento, e não teria mais do que uns poucos meses de existência, mas a grande surpresa é que o desfecho chegou antes, num acidente inesperado.

Por coincidência fortuita, ou por algum fator determinante ainda desconhecido, no mesmo dia em que o avião explodiu, o casarão da família foi vítima de um incêndio de enormes proporções, atingindo a propriedade situada em

área nobre da capital. Os danos, considerados irreparáveis, provocaram a destruição de boa parte do domicílio de Severo e sua mãe, Madame Lola. Seria ele um Nero? Dele nada duvido, pois seria bem capaz de querer destruir provas das negociações em que certamente esteve envolvido. Minhas denúncias na imprensa sempre foram permanentes, sem encontrar eco nas esferas competentes. Ele em todo tempo agiu com astúcia, posando de bom homem, seguidor e defensor da lei e dos bons costumes. Sua vida privada era amoral e hedônica: o prazer consistia no seu moto. Mulheres, vinhos, jogos de azar e o que mais o dinheiro pudesse comprar.

Figura pública de personalidade polêmica, colecionava desafetos e detratores por seu temperamento homofóbico, misógino e racista. Considerado mulherengo, deixa filhos fora dos três casamentos, com possível processo de reconhecimento de paternidade em curso, abandono financeiro e moral de empregada que teria engravidado na adolescência, denúncia de assédio contra jovens funcionárias no antigo ambiente de trabalho e racismo praticado em lugares públicos que frequentava. Somado à suspeição de ser mandante de crime contra um travesti na Rua Major Sertório há cinco anos e ocultação de cadáver no próprio quintal da mansão. Também vinha sendo cobrado por dívida acumulada no Jockey Club, em apostas de turfe.

Segundo as leis da natureza, devia ser precedido pela centenária mãe, Lola, de idade incerta. Pessoa também conhecida por sua bizarrice e vida obscura, suposta feiticeira. Mas a casualidade quis diferente.

Até a hora em que escrevo, não se conhecem vítimas fatais no incêndio. Consta que Justino Severo vinha recentemente organizando o próprio funeral. Nenhum representante se manifestou em nome da parentela, frente à imprensa, até o momento. Uma funcionária da morada, que não quis se

identificar, relatou que o Dr. Justino teria viajado pela manhã para a casa de praia em busca de documentos importantes para apresentar em uma reunião organizada para o dia seguinte, com todos os familiares reunidos.

A polícia segue na caça de pistas que possam ter sido o estopim do fogo. Após a trégua inicial da morte trágica, cujo funeral não se realizou por falta de localização do corpo, apesar da incansável procura realizada no mar, os investigadores deram início ao interrogatório dos moradores e agregados, bem como eventuais inimigos da família. Não está descartada a hipótese de queima criminosa. O seguro da propriedade monta em valor milionário e são muitos os interesses em jogo. Madame Lola se valeu de comprovante médico restritivo a qualquer forma de incômodo por parte da seguradora ou questionamento de autoridade policial.

Palmas para o acaso, que veio agora resgatar o bilhete sorteado. Que sua alma torre eternamente no abismo das trevas.

## • Crepúsculo

Ego abalado, triste, mancando, todo chamuscado.

Vejo do colo de Estamira a mansão lamentavelmente incendiada.

Ao meu redor, os que de lá correram para o shopping: predadores, presas, interesseiros, amantes, Madame Lola, J.S., entre outros.

Todos artistas de cenas “visíveis e invisíveis”. Impostores? Honestos?

Agora, só memórias. Interrompidas...

Miauuuu...





## Minibiografia dos autores

**Antonieta Fernandes** estreou a escrevedeira cravando o estilete no caule verdoso até a seiva leitosa lacrimejar versos virgens. Segredou nos contos confessionais do diário. Tingiu invencionices nas histórias. Um longo ciclo enredou acontecimentos que deram significância à vida. As princesas galoparam carruagens de fogo para reinos distantes. Ninho vazio. A escrevivência encurta distâncias e alonga o liame do tempo. Mantém coração pulsante e olhos de observador.

**Angélica Royo:** brasileira de São Paulo, italiana de Veneza, espanhola de Granada, inglesa de Cambridge e Londres. Escritora de livros infantis; compositora; publicitária; tradutora e intérprete; mar-atonista e apreciadora de viagens pelo mundo afora. É o resultado de suas vivências. Assim cria, assim ama, assim vive.

**Danielle Martins Cardoso:** (antes do café da manhã) deseja maré alta para riscar na areia aquilo que não consegue dizer; (depois do almoço) veda os olhos e usa o martelinho de madrepérola para atacar o teclado; (após o jantar) captura palavras com teias de seda autocolantes. Liberta as apetitosas e devora as indigestas.

**Diva Maria Tamaro de Oliveira** sempre gostou de ler e viveu de analisar tendências sociais e de consumo, redigindo

relatórios e livros técnicos. Agora está tentando escrever criativamente memórias, crônicas e até se aventurando em personagens de ficção. Seu lado B é @divanoatelie, onde cria brinquedos educativos artesanais e concilia seus conhecimentos em psicologia e a paixão por manualidades e bordado livre.

**Gilda Pasqua Barros de Almeida** é paulistana do Paulistano. Preserva a união de sua numerosa família: filhos, netos, bisnetos, “irmãe”, sobrinhos, incluindo amigos de verdade. Destaca: ler desde sempre, ouvir música de vários gêneros, mas nada se iguala aos momentos de escrever. Ocupa-se também com filantropia num grupo de senhoras que têm a chave do coração dos outros junto do seu.

**Guilherme Hernandez Filho** nasceu em São Paulo, em 1947. É Engenheiro Eletrônico e pós-graduado em Administração de Empresas. Aposentado, é Conciliador certificado pelo TJSP, atuando no JECRIM de Santos, JEC da UNISANTOS e Vara da Família em São Vicente. Escritor tardio, começou a escrever literatura há poucos anos, sendo premiado em vários concursos literários e com publicações em coletâneas e revistas.

**Hans Freudenthal** costuma dizer: “Você conhece aquela pessoa que está sempre chegando tarde? Sou eu.” Hans só emigrou para o Brasil aos onze anos de idade, e sem falar português. Escreveu seu primeiro livro apenas aos 76 – em português. Depois vieram mais oito. E entrou neste livro que está em suas mãos aos 93. “Sou o dinossauro do grupo de autores.”

**Helen Mara Rodrigues Fadul** nasceu na cidade de São Paulo e foi criada no sul de Minas, entre ruas de paralelepípedos e cachoeiras. Desde criança, encontra na literatura uma via de

conciliação entre a escuta do mundo e sua própria escrita. Aprecia proparoxítonas e textos que trazem para o corpo inquietações, para além de respostas.

**HelO Bello Barros** tem entre as grandes realizações de sua vida ter andado de perna-de-pau e feito múmia de minhoca enrolando a bichinha no durex. Nas horas vagas, armada com uma tampa de refrigerante, ia pro quintal raspar o muro (justamente no tijolo encardido). Ela sabia da existência de um mundo do lado de lá, mas raspar o muro era o mais importante. A menina sempre foi assim, proativa.

**Heloísa de Queiroz Telles Arrobas Martins** é paulistana e desde criança gosta de escrever. Curte estar com a família e os amigos. Formada em Letras/USP, participa das Oficinas Literárias e Cadernos de Literatura do CAP. Já ganhou vários prêmios em poesia, conto e crônica e tem textos publicados em coletâneas. Também aprecia música, História, cinema, fotografia e viagens.

**Ignez Matarazzo** vê a escrita literária como consequência de estímulos diversos, da observação à inspiração, de fatos a comportamentos. Certamente reflexo da formação em Relações Públicas, Propaganda e Marketing, Museologia, além de experiências adquiridas na Diretoria Cultural do Club Athletico Paulistano.

**Jane Sampaio:** no fazer, do aprender e do ensinar, os desejos se mostraram nas escolhas, de ser semente e de ser raiz. No anseio de construir o mestre, se fez aprendiz. Nos ganhos e perdas, reverenciou a arte, a literatura, a história que se revelaram na essência das palavras, dos contos, lendas, canções, ritmos, músicas, festas populares, jargões, literatura. Nessa

caminhada, foi invadindo o tempo, do medo, do amor, da coragem e da humildade. Mas nesse longo ensaio, abrigou os recortes das marcas de tristezas e de alegrias, misturou sonhos e esperanças para aprisionar o mágico ritual de viver.

**Lygia Pistelli**, psicóloga, dedicou-se sempre à psicopedagogia. A procura dos mistérios que envolvem a mente infantil na aquisição normal da aprendizagem da leitura e da escrita transformou sua existência numa procura contínua para solucionar outros mistérios da vida das pessoas. Por isso ela se encantou com o tema desta novela, que envolve tantas personagens de personalidades e vidas tão misteriosas. Vamos desvendá-los?

**Maria Julia Kovács** brinca de dar aulas, os jovens gostam da roda de discussão. Não promete receitas prontas, apresenta perguntas que não têm resposta. Os assuntos são complexos e ela busca junto com os alunos tentar entender esse mundo distópico. Procura ter leveza para que eles não desistam de seguir seu caminho. Nas horas vagas, brinca de ser escritora.

**Maria Lucia Rizzo** é artista plástica de origem italiana, nascida em São Paulo, no bairro do Brás. Participou de exposições nacionais e internacionais. Pinturas a óleo e aquarela. Estudou escultura em resina, pedra-sabão e bronze com o professor Pedro Pinkalky. Colagem e desenho com o Professor Sergio Lima. Xilogravura no museu Lasar Segall. Este é seu mundo mágico.

**Maria Luiza Galli** é paulista da região cafeeira de Ribeirão Preto. Tendo vivido do norte ao sul em diversas regiões do Brasil, sempre se esforçou para integrar-se a seu novo habitat. Perspicaz, com olhos de lince, observa tudo o que ocorre em

sua volta. Surpreende-se com a real diversidade da natureza humana e, também, com o universo ficcional, que são suas fontes de prazer e inspiração.

**Ricardo Lahud**, lindo escritor de textos magníficos e magnífico escritor de textos lindos. Autor de seis livros publicados no Brasil e um em Portugal.

**Tania Melo Franco** correu mundo, como um espírito livre e aventureiro costuma fazer. Pintou quadros, plantou árvores e pensou em escrever, para contar às suas netinhas um pouquinho de si.

**Thais Costa**: É preciso mentir muito, dizem os mestres. Escrever mentiras não é fácil, ainda mais para quem passou muito tempo buscando a verdade dos fatos, narrados como notícias. Mas o desafio é instigante e dele surgem personagens que devem parecer reais, sendo inventados. Criar histórias de amor e traição, recheadas de descobertas dramáticas, cenas de sangue e arrependimento, pode preencher horas saborosas, mas a angústia também aparece.





**Olho mágico © Dos autores, 2021.**

projeto gráfico  
**Matéria-Prima Editorial**

ilustração da capa  
**Tereza Yamashita**

apoio editorial  
**Angélica Royo**  
**Antonieta Fernandes**  
**HelO Bello Barros**

revisão  
**Andréa Catrópa**

impressão  
**Planet Graphics**

**1º edição : 2021**

